

193/01
2.000-

na
le
Hidra
12/04/85
JMDI/1

A MISTERIOSA

JOAQUIM MANUEL DE ALMEIDA

A MISTERIOSA

CAPA DE SANTA ROSA



EDITORA *Ocidente* LIMITADA

RUA ALVARO ALVES, 33-37

SALA 1128 — TEL. 47-0944

RIO DE JANEIRO

A MODO DE PRÓLOGO

UNIDADE:	TEL
N.º CHAMADA	869.334 M 151m
V	Ex
TO. DO/DO	331186
TOMADOR	96179
PROD.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PREÇO	
DATA	
N.º CPD	

Adelina Ferrari Garcia

**Fileno* não é o nome, é o pseudônimo de um jovem de vinte e dois anos, que há poucos dias se lembrou de me procurar para me pedir que escrevesse um romance de certo caso que por último lhe tinha acontecido.

Por último, porque não era o primeiro, nem o segundo do mesmo gênero, de que êle estaria pronto a fazer-me confissão sem reservas, se eu o exigisse.

Sorri-me, considerando o jovem que tão francamente manifestava desejos de ser herói de romance; êle, porém, embora um pouco vexado, insistiu.

Disse que queria a publicação do *seu caso* sob a forma de romance por penitência que se impusera, e para experimentar se, com a exposição da sua última aventura amorosa, sua sensibilidade e imaginação facilmente inflamáveis o arrojariam menos aos acidentes imprevistos e aos perigos do romanesco e do maravilhoso.

Adotara o pseudônimo de *Fileno*, porque êste nome pastoril das eglogas antigas era o que melhor cabia ao tipo que representava, confessando entretanto que também o tomara por malícia; pois que, sendo muitos os jovens *Filenos*, como êle, na cidade do Rio de

Janeiro, cada um dêses se julgaria daguer-reotipado no protagonista do romance, o que lhe aproveitaria ao disfarce.

Acabando de dar-me com voz abalada estas explicações que eu não provocara, imediatamente, e sem esperar a minha resposta, levantou-se, deixando sôbre a cadeira um maço de papel escrito, e saiu cheio de confusão e como a fugir, e apenas, quando já estava na porta, voltou-se para cortejar-me, e dizendo-me por despedida *que não o poupasse*.

O enleio e a turbação do jovem e o seu pedido feito à porta excitaram naturalmente a minha curiosidade.

Li o manuscrito que trazia o titulo modesto de *Apontamentos*, e acabada a leitura acudiu-me logo a idéia de satisfazer o empenho do jovem, não escrevendo eu o romance, como êle pretendia, mas dando publicidade ao seu manuscrito tal qual me fôra confiado, e sômente pondo-lhe o título que mais apropriado me pareceu.

Dêstè modo o senhor *Fileno* fica com tôda a responsabilidade, não só dos seus feitos, como da narração dêles.

E, como ainda dos mais simples *casos* se pode recolher lição, e, como segundo diz e assevera o jovem, há muitos outros *Filenos* na cidade do Rio de Janeiro, e sem contestação abundam hoje também nela certas *romancescas e maravilhosas criaturas*, — aviso aos *Filenos*.

E tem a palavra um dêles.

I

Quero ser chamado *Fileno*. Não é êste o meu nome de batismo, mas pouco importa que o não seja.

O *Soutza* diante de quem fui bater bandeiras, animando-me, e excitando-me a empenhar-me por ser perpetuado em romance dado ao prelo o seu... o nosso *caso* extraordinário e maravilhoso, jurou que respeitaria o meu incógnito.

Ela, se me conhece, como me assegurou, tem boas ou péssimas razões finais para não falar; e além dela o Souza é o único que poderia atraçoar-me; tenho porém o seu juramento de discreção e segredo.

Daqui a pouco direi quem é o Souza.

Agora cumpre-me dizer primeiro quem sou eu.

Sou bem nascido, rico, e creio ser generoso; a consciência só me acusa de dois defeitos predominantes: peço por sensível de mais, e por frio de menos, isto é, tenho coração de cêra e imaginação de fogo, e, por consequência, uma derrete prontamente o outro.

Dos vinte anos além até não sei quando, ao menos isso é lógico.

Estudei; fiz meu curso de humanidades, e não cuidei em ser doutor nisto ou naquilo, porque meu pai morreu antes disso...

Emancipei-me há um ano por sentença, e já estava emancipado há quatro por maternal tolerância.

Minha mãe conveio em que eu desprezasse as ambições de borla e capelo.

Mas não deixei de estudar. Tenho e zelo minhas horas vagas que consagro de preferência ao estudo da filosofia, e na filosofia, de preferência invencível e dominadora, à lógica, porque a lógica é a luz da razão.

A lógica é a experiência racional antes da observação dos fatos: é a lucidez do espírito antes do ensino da experiência positiva.

Eu estou persuadido de que os meus raciocínios nunca me falhariam, nem dariam em falso, se não fôsse a causa principal dos erros humanos.

E' aí que está o meu calcanhar de Aquiles.

Sou sensível como a sensitiva... com a diferença de que a sensação do belo, em vez de me fechar, abre-me o coração...

Amo... apaixono-me com um transporte que me assombra pela facilidade e pela multiplicidade!...

Mas se há tantas moças bonitas e formosas!...

Sobretudo depois da imigração franco-alcaçarina há mesmo um abismo de perdições

sucessivas, e uma fonte de contágio de combustões.

Ora o amor prejudica a lógica; porque é inimigo da filosofia.

Dai as minhas alucinações por falta de lógica.

Exemplo: o *caso* que agora vou referir com tôda a verdade.

Principia aqui a história da minha última aventura amorosa.

Direi tudo... tudo...

Debaixo do ponto de vista da literatura, o *caso* pode tanto pertencer à escola clássica, como à romântica e à realista.

Há de tudo nêle, e principalmente o romanesco e o maravilhoso...

E' indispensável marcar o tempo, o mês, para que não se julgue que foi em algum dos dias do carnaval que se passou a história. Foi no mês de abril, no mês formoso, e logo depois da semana santa; e portanto em dias de obrigação de bom senso, ou ao menos de senso comum.

E' igualmente necessário, essencial, determinar a hora, ou as horas da ação, para que não se suponha que tudo correu de principio a fim à sombra da noite ou à distância e à luz equívoca do gás; não! o romanesco e maravilhoso *caso* começou com o sol fora, embora acabasse com o sol dentro. Ainda neste ponto há de tudo nêle, luz do dia, gás à noite, penumbra e sombra... e por conse-

quência a escola clássica aos raios do sol, a romântica à luz do gás e a realista no escuro...

Foi há quinze dias... a 13 de abril... não me lembrou então a fatal influência do número — 13!!!

Ah!... se eu não pude cogitar em coisa alguma fora do meu inspirado encantamento!...

Foi pois a 13 de abril de 1871 (fique registado), durante duas horas ou pouco menos, aos raios do sol, e por sinal sem nuvens, — uma tarde magnífica!... — eram cinco horas da tarde, quando rompeu a ação... marco o lugar, rua do *Ouidor*... o ponto em breve indicarei...

Dai em diante o romanesco e o maravilhoso... a ação a desenvolver-se em confeitarias... em passeios... em tórno da estátua equestre da Praça da Constituição... e a noite... e o mistério... e um carro de aluguel... e as contradições da lógica... e a imaginação... e os prelúdios... e o desconhecido... e o véu e o mais... e o menos...

Oh!...

Outros em meu lugar!...

Foi um verdadeiro romance na vida real... Não; romance não, foi comédia... também não foi comédia; nem uma coisa, nem outra; foi o diabo!... eis aí a verdade.

Foi o diabo.

Mas façam de conta que é romance; quero ser protagonista.

A ação do romance se estenderá, pois que efetivamente se estendeu, desde as cinco horas da tarde do dia 13 de abril até depois da meia-noite...

Depois da meia-noite veio a hora da catástrofe... não marquei essa... juro que não a marquei...

Personagens do romance: — Ela, eu e o Souza — fora os comparsas.

II

O romance começou na rua do Ouvidor.

De então para cá tomei ojerisa à *rua do Ouvidor*. Sempre é rua de quem não tem que fazer do tempo, que é ouro! uma rua onde o homem se vê obrigado a estacar de dez em dez passos para responder à massantíssima e implacável pergunta: — Então?... que há de novo?...

Quem tem pressa, ou contas a dar de si, não passa pela *rua do Ouvidor*; faz caminho, ou pela do Rosário, onde já ninguém reza, ou pela rua Sete de Setembro, denominação lírica que não faz mal nem bem a pessoa alguma.

A *rua do Ouvidor* não é de trânsito: é de passeio, de estação, de encontro ajustado, de *gazetilha* incessante, canal de mentiras, fábri-

ca de crises ministeriais, museu de tétéas, tórre de Babel de modas, Paris meio-caricato na sonhada *Henri-ville*, jardim das senhoras, purgatório dos pais e dos maridos, e espaço atmosférico onde fazem verão andorinhas mais ou menos enfeitadas, mas tódas em odienta fraternidade de pescaria do continente pelo conteúdo, da casca pelo miolo, do paletó pelo bólso.

Eu tenho a honra de propôr que a Ilustríssima Câmara Municipal mude o nome da *rua do Ouvidor*, fazendo-a chamar dora avante — *rua da Dissipação*; porque nela o que mais e constantemente se faz é *dissipar* tempo, dinheiro, e não poucas vêzes tesouros ainda mais preciosos.

Se parecer má, ou demasiado severa a lembrança do nome de — *rua da Dissipação* — não vejo inconveniente em aceitar por emenda a denominação de — *rua da Ilustríssima Câmara Municipal*, que por fim de contas é sinônimo de *Dissipação*; *idem est.*

Vejo agora que me desnorteei...

Divagação desastrada, perdoável em quem nunca escreveu romances...

Vou atar o fio do discurso...

Suponham que estas reflexões sôbre a *dissipadora rua do Ouvidor* são linhas escritas a modo de introdução do romance.

Salva a modestia — pórtico do monumento.

III

Eu estava *dissipando*.

O verbo *dissipar* deve ser admitido e receber carta de naturalização na república da rua do Ouvidor.

E' filho legítimo da natureza especial daquela rua.

Eu estava, pois, *dissipando*: hora -- cinco da tarde. Lugar -- rua do Ouvidor, esquina da, de *Gonçalves Dias*, que fôra dos *Latoeiros*: ainda bem!... o nome que simbolisa harmonia angélica, substituindo o nome que lembra ruído infernal.

O sítio é pitoresco: ali param e dali partem os carros americanos que o povo chamou *bonds*... uma denominação que parece zombaria...

Há coisas neste mundo!... mas eu não caio em divagar outra vez... fiquem os carros americanos com o seu nome de *bonds*, cuja raiz *financeira* posso agora dizer qual foi.

As cinco horas da tarde parou um *bond*: o mosaico deu à luz.

Quando para um *bond*, e principalmente depois da questão das *plataformas*, há sempre um *sai-e-entra* que faz gosto ver!... é a democracia em quadro vivo de embigadas e apertões pelo direito de prioridade individual.

Mas em último lugar e mais a seu cômodo, eu vi pousar, firmar-se no degráu do carro, uma pequenina botina de salto de polegada e meia, enfeitada de lacinhos côr de Bismark e subindo ao tornozelo, que era indetectível promessa de soberba perna...

A dona dêsse pézinho que estava na botina, dêsse tornozelo, que se mostrara a meus olhos, e dessa perna, que a minha imaginação completava, saltou ligeira, como uma silfide, e encaminhou-se logo pela *rua do Ouvidor* acima com rápidos e miúdos passos.

Evidentemente, pelo mimo e enfeites da botina e pela ligeireza e graça dos movimentos, ela se denunciava ágil, de fácil mobilidade e, por consequência, jovem.

Eu tenho o maior interêsse em provar que, ao menos às vêzes, raciocino e sou lógico.

Naturalmente o meu coração ou a minha curiosidade masculina devia dar um salto da base para o ápice daquele delicado monumento deslisante. E deu-o.

A Silfide trazia à cabeça, pela frente, a quarta parte de um chapelinho azul claro do qual vinham quase beijar-lhe a fronte meia dúzia de margaridas, tão pendentes que pareciam estar dizendo "colhe-nos ou caímos!" -- e por detrás uma enchente de anéis de ouro, uma causa de fios de ouro encaracolados, que lhe desciam pelas espáduas brancas a fazer lembrar pó de arroz.

O que eu não posso descrever é o *toilette*: tenho-o impresso na imaginação a perseguir-me como fantasma sinistro; mas não me é possível explicar de modo claro aquêlê labirinto ornamentoso, em que me perdi; sei que havia vestido de cachemira duplo, e cada qual de sua côr, e túnica ainda de outra côr, primeira saia com folhos e franzidos de canudos, segunda saia de apanhados com cordões e borlas, e além disso, viezes aqui, franjas ali, cabeças de passamanes acolá, o azul, o encarnado, o preto, a misturarem-se... e um maldito corpinho afogado e as mangas compridas a me esconderem o que eu desejava ver...

Remate do *toilette*: cinto de fita grossa com fivela grande, de aço.

O *toilette*, confessá-lo-ei com franqueza, era um pouco suspeito de comunismo revolucionário; mas eu não duvido fazer-me comunista, desde que não se trate da minha propriedade, e para mim é fato averiguado que todos os comunistas baseiam o seu sistema exclusivamente sôbre a propriedade alheia.

Eu, pois, começava já a olhar com olhos de comunista para aquela propriedade de dono ausente.

Com efeito, depois do êncanto do pézinho abotinado, as margaridas a dizerem — colheinos! — os apanhados da segunda saia a amarrem os sentidos do próximo nos cordões com borlas, e os cachos de ouro a despertarem desejos de ser ourives, *dissipavam-me o juízo* ali na rua do Ouvidor.

Sobretudo a cintura da Silfide era maravilhosamente fina; suscitou-me a idéia mais extravagante: tive inveja do cinto e da fivela!... ah!... pensei então, se eu fôsse a fivela do cinto daquela deidade, não sei mesmo até onde lhe apertaria o dente.

IV

Não há gostos perfeitos. Uma nuvem encobria o meu sol.

Era um véu que lhe caia da cabeça até à altura dos seios; mas um véu amplo, escuro e denso, véu de mau gosto, pois que, por entre as dobras que formava, apenas permitia adivinhar muito indistintamente a alvura do rosto que escondia.

Que era êsse véu?... disfarce de infeliz semblante ou recurso que envolvia na sombra algum misterioso segrêdo?...

Jouvin tivera a glória de fazer luvas côr de Bismark para as mãozinhas da Silfide: luvas letra A, por não se encontrarem mais pequenas nas lojas da *Dissipação*. Eu creio que a misteriosa jovem teria podido calçar luvas uma ou duas letras abaixo de zero.

Não soube mais de mim: a curiosidade, e já o magnetismo da simpatia e o arrebatamento dos sentidos me alvoroçava ao contemplar a gentil e engraçada incôgnita.

Tudo isto que eu digo, vê-la, admirá-la, e sentir-me em comêço de incêndio, foi obra de rápidos momentos.

Oh! não há bombeiros para acudir aos incêndios do coração!... em tais casos a bomba da razão, a única que podia ser proficua, nunca tem água, ou no mesmo instante se desconcerta!

Eu ia seguindo a Silfide, quando no canto da rua de Uruguaiana estremeci, vendo fi-tar-se nas botinas da minha incógnita um *pince-nez* ameaçador.

O *pince-nez* era o Souza. (Figura de re-tórica: — a parte pelo todo).

V

O Souza é um monstro, um perverso da minha idade, e, não sei por que fatal coinci-dência, meu rival em algumas das paixões amorosas que tenho tido, e sempre vencedor no certamen da rivalidade.

E' o meu Cabrion em amor.

A última dessas minhas paixões malaven-turadas nascera no *teatro lírico francês*; o seu berço de fogo foram os olhos azuis de uma pássara daquêle bosque. Fiz a minha declara-ção de amor em um *bouquet* que atirei, e que foi espetar-se na ponta do pé alçado da loura Terpsichore — ella era dançarina — no mo-

mento em que executava uma pirueta ameaçadora de luxação do fêmur.

A Terpsichore repetiu a pirueta, atirando ao ar o *bouquet*, que apanhou, como quem apanha uma peteca.

O meu amor começava em peteca; era mau sinal. Mas hoje estou convencido que ali, no famoso alcazar, todos os amores e todos os amantes principiam e acabam sendo sempre petecas daquelas Dianas caçadoras, que fingindo querer caçar corações, erram sempre a pista, e, em vez de procurá-los nos seios, perdem-se submergindo-se até o fundo das algibeiras.

Mas também ali como são miraculosamente fáccis as conquistas de amor!... quando terminou o espetáculo, fui esperar à porta da saída a Terpsichore, que, aparecendo-me com o *bouquet* prêso ao lado esquerdo do peito, disse-me — “*Ceci tuera cela!*...” — e apontou para o coração.

Logo depois, falando-me sempre em francês, pronunciou estas palavras sublimes:

— Amo-o, e desde muitas semanas que o vejo, o distingo, e me perco a envenenar-me, olhando-o!... hoje o seu *bouquet* me perfumou a alma... amo-o... e para sempre!... sou desgraçada; mas o seu amor me regenera!... ó... que comoção!.. sinto-me doente... vá ver-me... quero três dias para refletir... só daqui a três dias...

Rendez-vous marcado, hora e lugar ajustado, e a minha esperança a mudar-se em positiva certeza...

Três dias de penitência! no primeiro mandei-lhe o meu retrato fotografado, no segundo um relógio de ouro com os ponteiros parados na hora esperançosa do prazo dado; um bilhetinho incandescente explicava-lhe a eloquência dos ponteiros do relógio de ouro.

Ah!... sem a menor dúvida a Terpsichore não fez caso da eloquência dos ponteiros, ocupando-se em calcular o valor do ouro do relógio...

Mas no terceiro dia voei nas asas do amor ao hotel de... onde se alojava aquela andorinha de Paris.

Cheguei à porta marcada com o número que ela me indicara; era a do seu aposento... como me tremia a mão! mas, se eu estava apaixonado pelo diabo da francesa!... Animei-me... bati...

— Quem é? perguntou a Terpsichore.

— Sou aquê! que espera! respondi ternamente.

A chave voltou-se na fechadura...

A porta abriu-se até o meio...

Oh!... o Souza apareceu-me no limiar, e exclamou a rir:

— On ne passe pas!...

Nesse momento, e em resposta à traição da Terpsichore e ao insulto à queima-roupa que me era irrogado pelo Souza, eu teria lan-

gado a minha luva à face do malvado e feliz rival, se êste que provàvelmente tinha pressa e mais que fazer, não me houvesse trancado a porta na cara.

Tive impetos de cólera e de vingança; reconheci, porém, que, se eu quisesse deitar a porta abaixo, o ruído provocaria escândalo...

Sai do hotel sem o amor da Terpsichore, e deixando-lhe o relógio de ouro para marcar as horas que passava a conversar com o Souza.

Quem quiser tire a moralidade da fábula; o que eu afirmo, por dolorosa experiência, é que no verão, com as tais andorinhas, os relógios de ouro marcam ainda menos as horas daqueles que os dão, do que as do Souza, que se riem dos tolos.

Mas, desde êsse dia de sinistra e cruel mistificação, cortei tôdas as minhas relações com o meu predestinado rival.

E o malvado a continuar a fazer-me sombra!

Demônio!.. desde que eu entro em cena com alguma bonita moça e o Souza se mostra ao bastidor, há logo caso de eclipse!

VI

E todavia o Souza é feio e de formas rudes e asselvajadas, e, modéstia para o lado, eu sou bonito, e delicado de corpo e de maneiras!..

Ele é quase analfabeto, apenas lê o *Jornal do Comércio* para informar-se das variações do câmbio; e eu, se não faço versos, ao menos sei de cór muitos cantos dos melhores poetas.

Ele é todo materialismo e grosseria sensual; e eu todo embevecimento poético, e arrebatedora imaginação...

Ele fala à mulher de quem gosta, como senhor que ordena; e eu me prostro diante da mulher por quem me apaixono, como escravo que se glorifica pela obediência.

Ele é um mancebo gigantesco e brutal; e eu um jovem elegante e mimoso.

E todavia, onde há mulher e nós dois nos apresentamos, caso julgado, o Souza marcha adiante e eu fico a ver navios!...

É êste um ponto de fisiologia de amor que ainda não pude bem compreender.

Mas a lógica dos fatos, ainda que pareça absurda, é a lógica implacável da realidade.

Foi por êstes antecedentes e estas razões, que eu estremei, vendo no canto da rua de Uruguaiana o *pince-nez* do Souza fixado nas botinas da minha incógnita.

VII

O Souza com o *pince-nez* firmado no nariz contemplava as botinas da Silfide.

Era de regra.

Hoje em dia, ou depois que principiou a moda dos vestidos de duas saias, sendo a se-

gunda meio arregaçada, a paixão no homem começa a acender-se nas botinas da mulher.

Não digo que seja isso muito lisonjeiro para o belo sexo, mas a culpa não é do homem, é das senhoras, ou da moda que as senhoreia.

O peixe cái onde acha o engôdo.

E' a moda que expõe atualmente a mulher em mundo às avessas, e a agradar pelos pés e pelas botinas, como a mêdo de merecer menos pela cabeças e pelo juizo.

Consequência dos vestidos de saia arregaçada.

Ainda um resultado da escola filosófica do sensualismo que se acha mais a gôsto nos apanhados da saia a fazer imaginar nudez, do que na expressão fisionômica a perturbar a vida sensual com indícios de reflexão e com recatos de pudor.

O véu no rosto e as pernas à mostra sômente até o tornozelo, são ainda incompleta vitória da filosofia sensualista, que firmará o seu triunfo absoluto, quando as senhoras, obedecendo ao império de nova moda, se mostrarem com o rosto sem véu e as pernas à mostra ao menos até a altura dos joelhos.

E que mal poderá haver em que as senhoras andem com os joelhos à luz do dia ?...

Todos sabem que as senhoras têm joelhos. Mas, ah diabo!... a lógica é como o rio, que vai correndo até o mar, que é o arremedo do infinito...

Férias à lógica: prossigo com o absurdo, que é a minha lamentável história.

O Souza fêz como eu; depois de contemplar por instantes as botinas da Silfide, seguiu-a também, e viu-a, como eu a vi, entrar na confeitaria, casa número 138, da *rua do Ouvidor*.

Após ela entrámos nós, quase logo, e já a encontramos comendo *croquets*.

Mas o sol comia *croquets* por baixo da nuvem: o véu escuro movia-se ao movimento dado pelo fácil trabalho da mastigação; um pouco de materialismo animal naquela visão poética... sim! era um anjo que comia *croquets*, ao menos, porém, comia-os misteriosamente...

Não conseguimos nem vislumbrar o rosto da Silfide, que por fim foi a um canto da confeitaria e bebeu um cálice de vinho do Reno.

Quando imediatamente depois, a gentil incógnita tirava a bolsa para pagar a despesa feita, o caixeiro lhe disse:

— Já está paga.

Ela guardou a bolsa, e, sem fazer a mais leve observação, saiu indiferente.

O Souza e eu a seguimos, e portanto, achamo-nos ombro a ombro, à porta única daquela confeitaria.

O Souza olhou-me de revez e com ressentimento provocador...

Era eu quem tinha pago os *croquets* e o vinho do Reno.

VIII

A Silfide foi indo até o fim da rua da *Dissipação*; mas evidentemente, sobrava-lhe tempo a dissipar, pois que passou em volta da praça de S. Francisco de Paula, olhou três ou quatro vêzes para o relógio da tórre, e finalmente entrou no botequim da Estação dos carros de S. Cristóvão e Andarai.

O Souza atirou-se por uma porta, e eu enfiei por outra...

A incógnita sentara-se a uma mesa, e deu ordens a um caixeiro já meu conhecido e freguês, a quem pisquei um olho e fiz sinal de inteligência.

Questão de pastéis e cerveja...

Nova vitória...

O Souza adiantou-se para falar ao moço que ia servir à deidade misteriosa; teve, porém, de voltar desapontado.

Ficamos a olhar... eu sòmente para *ela*, e o Souza para *ela* a fazer entes de razão, e para mim, a despedir coléricos raios...

A Silfide comeu três pastéis e bebeu um copo de cerveja, sem mostrar nem ao menos a pontinha do queixo.

Em seguida tirou a bolsa; mas o moço que a servia disse-lhe:

— Já foi tudo pago.

Ela não questionou; levantou-se e saiu com a mesma fria indiferença, com que saíra da confeitaria n. 138 da rua do Ouvidor.

E eu e o Souza à pista.

IX

A incógnita estava atormentando o meu espirito no vaivem de três conjecturas contraditórias.

A que sociedade pertenceria ela?... à das honestas, à das equívocas, ou à das comunistas?...

O passeio a sós, a indiferença com que tolerava que lhe pagassem os *croquets* e os pastéis, o vinho do Reno e a cerveja, punham em dúvidas gravíssimas o seu recato.

O véu escuro que trazia, o silêncio obstinado que guardava, o desdém com que até então tratara tanto a mim como ao Souza a absolviam da suspeita de comunismo.

Restava-me a conjectura da vida equivocada que por êste raciocínio me ficava como consequência obrigada.

Se ela pois era equivocada, o que aliás eu ainda não tinha por seguro, com que fim andava por confeitarias, e a passear tão misteriosa?...

Não sei que juizos estaria da sua parte fazendo o Souza, cujo rosto expandia-se com expressão de intentos maliciosos.

Mas, chegando ao meio da praça, parou um momento, olhou para o relógio da torre de S. Francisco de Paula, insensivelmente talvez levou a mão ao peito, respirou como se suspirasse, voltou sôbre seus passos, e, sem fazer caso nem do Souza nem de mim que a seguíramos, adiantou-se rápida pela rua da Lampadosa.

Senti uma ponta de ciúme atravessar-me o coração.

Afigurou-se-me que a Silfide tinha dado ou esperava uma hora de encontro, que evidentemente não seria equívoco para o ditoso mortal da sua escolha.

O meu dever de cavalheiro generoso era deixar em liberdade a gentil incógnita; o Souza porém já avançava, acompanhando-a...

Estava escrito: voci atrás do anjo de cabelos de ouro que, ou por pressentir-nos em seu enalço, ou porque ainda não houvesse chegado a hora do *rendez-vous* que eu suspeitava, contornou a Escola Central, voltou pela rua do Teatro, e, com surprêsa minha e talvez do Souza, penetrou ali na confeitaria, casa n. 35.

O Souza tinha ficado estático; eu aproveitei-me da sua estupefação para precedê-lo na confeitaria.

Era inverossimil que a Sílfiide não procurasse ver qual de nós dois teimava em pagar-lhe os regalos.

Ela comia camarões recheados, sôbre os quais bebeu um cálice de Sauterne; isso apenas me fez admirar o seu apetite que indicava ótima saúde; tive porém alguns momentos de fúria, que por pouco me ia perdendo!

O Souza entrara por sua vez na confeitaria e, sem tir-te nem guar-te, e com a mais incrível impudência, dirigira-se à mesa onde estava a Sílfiide, e comera dois camarões, e bebera seu cálice de Sauterne !!!

E à minha custa !...

Eu quis atirar-me sôbre o descarado; mas reparei que me achava por detrás dêle, e eu não sou homem que ataque outro pelas costas.

Creio que foi por essa razão que escapei de precipitar-me...

Entretanto a jovem misteriosa levantara-se muda e imperturbável, e, saindo ligeira, foi indo seu caminho.

E o Souza em seguimento...

Eu... idem.

X

Acabavam de causar-me impressão dois fenômenos: primeiro, na questão do pagamento eu conseguira pela segunda vez deixar logrado o Souza, que é o mais sagaz e espartalhão dos conquistadores; segundo, a

Silfide nessa terceira confeitaria não pensara mais em tirar a bolsa para pagar os camarões e o Sauterne, nem em perguntar quanto devia!

Este segundo fenômeno foi de suave consolação para mim; acreditei que a bela incógnita já contava comigo.

Mas o taque-taque dos saltos das mais lindas botinas perturbavam as minhas reflexões, fazendo-me palpitar o coração aquêlé compasso.

Uma doce esperança mitigava a dór da minha ponta de ciúme...

Nós, eu e sempre o Souza, acompanhávamos a incógnita respirando ondas de perfumes suavíssimos, que o volver de seu vestido espalhava em tórno... Era uma atmosfera de violetas em que nos achávamos mergulhados!

Oh!... custa-me a tolerar que o Souza respirasse aquêlé ar embalsamado pela passagem da mulher encantadora que me arrebatava a imaginação e os sentidos.

Mas, ao dobrar pela frente do teatro de S. Pedro de Alcântara, vimos cair diante de nós o lençinho branco da Silfide; eu saltei, o Souza saltou também, de modo que ambos ao mesmo tempo apresentamos o lenço, segurando-o cada um de nós por uma ponta.

A incógnita recebeu o lenço, agradecendo-nos com um simples movimento de cabeça; eu recuei um passo, cumprimentando-a

respeitosamente, e o insolentíssimo Souza deu-lhe um beliscão em um dedo, dizendo:

— Que ladrão de moça!...

Ela voltou-lhe as costas e continuou a andar apressada.

Não sei como o Souza não caiu fulminado ao olhar de flamejante ameaça que lhe lancei!...

Eu estava decidido a ir às últimas nessa tarde; no meu aspecto já devia haver provocação; mas o Souza levava a petulância e o sarcasmo em um sorrir indecente, que dobradamente me irritava.

E fomos andando assim...

XI

Oh!... que designio, que pensamento, que preocupação senhoreava a bela e misteriosa mulher?...

Havia encontro ajustado?... procurava ela distrair-se para esquecer paixão infeliz que a torturava?... a desconfiança ou o ciúme a impeliam em procura do ingrato a quem calculava surpreender em flagrante delito de inconstância e de perfídia?...

Eu vacilava e tremia, vendo, observando essa joven esbelta, gentil, faceira, de movimentos ligeiros e graciosos, tornar-se, desde que entrara na praça da Constituição, menos

rápida em sua marcha, mais hesitante e como anciosa em seus modos.

Por mais de uma vez ela voltou-se, como a perscrutar, ou se era seguida, ou se deixára de aperceber no espaço que havia vencido o segrêdo terrível que talvez procurava. Minha imaginação, ou a lucidez do meu raciocínio via já nessa mulher uma espôsa, anjo de amor e santa pecadora de ciúmes, a procurar com sublime raiva o marido amado e infiel!...

Oh!... como eu amei aquêlê coração cheio de amor delirante!... como adivinhei formosíssimo o rosto completador daquele corpo delicado e rico de harmonia de formas e de mimosa voluptuosidade!...

Era Venus angustiada em busca de Adonis suspeito...

Ela correu em volta tôda a quadra do jardim, invadindo-o e examinando-o com os olhos, mas sem entrar nele, e enfim tornando ao lado do teatro, e parecendo ir outra vez renovar o passeio, de repente afastou-se do jardim, e endireitou para a casa número 32, onde por instantes desapareceu a meus olhos...

Ainda uma confeitaria!... era a quarta!... o fato só se explicava por despêro: era ou tentatiya de suicidio por indigestão, ou disfarce de furor de ciúme em descomunal e frenético apetite!...

Eu tinha corrido sôbre os passos da misteriosa.

Ela acabava de pedir bolo inglês, amêndoas e champagne.

O Souza não podia tardar; apressei-me a ir pôr de prevenção o caixeiro que opôs algumas dúvidas a receber de mim o pagamento da despesa, por tratar-se de uma senhora que me era estranha; finalmente, porém, ce-deu às minhas instâncias.

Emquanto argumentava com o caixeiro, maravilhava-me de não ver a meu lado o Souza; mas apenas me voltei... oh!...

O Souza estava comendo bolo inglês e amêndoas e bebendo champagne, tendo-se colocado em pé junto da mesa e defronte da Silfide, a quem fazia indiscreta e insultuosa companhia, dirigindo-lhe palavras de cumprimento demasiadamente livre e audacioso.

Indignei-me; dominando-me, porém, observei o procedimento da incógnita: ela estremeceu às vêzes — sem dúvida de cólera: — mas continha-se logo, e se fingia alheia ao que se passava, como indicando soberano desprezo, e nem parecia ouvir o que o Souza impertinentemente lhe dizia.

O silêncio é com efeito a resposta mais digna de uma senhora às importunações de um homem sem educação e sem cortezia.

Quis dar uma lição ao Souza, e, dirigindo-me à bela misteriosa, murmurei com voz trêmula e comovida:

— Minha senhora! salvo o mais profundo acatamento, que aliás não exclue a mais

irresistível simpatia, V. Ex. quererá dignar-se, por angélica bondade, distinguir-me com uma inocente amêndoa dada pela sua mão mimosa?...

Quem me mandou adiantar-me tanto!... a Silfide fêz com a sua cadeira pequeno movimento de rotação, de modo que ficou um pouco de costas para mim.

Desapontei. Ela não tratava assim o Souza.

Este malvado se pusera a rir da minha confusão, e logo, dobrando-se para a mesa ao tempo que a Silfide tomara entre os dedos uma amêndoa, êle com rápida ação avançou a cabeça e tirou-lha... ah!... tirou-lha com os lábios!...

A incôgnita soltou um gritozinho abafado...

Eu levantei o braço para castigar o imprudente...

Mas... ouvi uma fraca risada mal contida e própria de quem tinha achado graça na tomada da amêndoa. Oh!... era a Silfide que se tinha rido!...

O meu braço vingativo caiu inerte; semelhante dama não merecia ter-me por seu cavalheiro.

Dessa vez foi o que valeu ao Souza.

Mas a Silfide levantou-se, e, repelindo com um certo ar de dignidade a mão que o Souza lhe oferecia para conduzi-la, dirigiu-se gravemente para o fundo da confeitaria.

onde me pareceu que se demorava, escutando explicações do caixeiro.

No entanto, o Souza ainda voltou a comer bolo inglês e a beber champagne.

Imaginem ali uma estátua de pedra: era eu.

XII

A estátua de pedra tornou-se logo em homem que em imobilidade prudente refletia sobre os fatos inconsequentes que acabavam de passar-se para com a flama da lógica acender a luz da verdade.

Tôdas as aparências denunciavam na misteriosa incógnita ou uma mulher decaída e aventureira, ou uma senhora desatinada por violenta paixão, e mostrando no desatino exteriores que a comprometiam, fazendo-se tomar pelo que não era.

A tolerância do Souza à mesa não podia ser um disfarce de sua elevada posição?... se ela fôsse caçadora de amantes, desde que não repeliu as impertinências do Souza, aliás o mais conhecido entre os ricos libertinos da cidade, não se prestaria a atender-lhe às lições licenciosas?...

Ela voltara as costas, ouvindo o meu respeitoso pedido da amêndoa; mas, eu o reconheço, nêsse pedido que não poderia ofen-

der uma dama equívoca, havia ofensa inegável para a delicada susceptibilidade de uma senhora honesta.

Ora a incógnita que em favor de sua dissimulação deixava de ressentir-se dos impudicos elogios do Souza, talvez por considerá-los impossíveis na sua sociedade e por tanto convenientes então ao seu disfarce, não se teria atraído pelo meu pedido que pela própria cortezia com que o enfeitei era audácia fácil de observar-se nos próprios salões da aristocracia?...

E' certo que o furto da amêndoa tinha sido um insulto, e em tal caso a subsequente rizadinha da insultada fôra indicio de caráter desbrioso.

Mas vamos e venhamos; custa-me a dizê-lo e todavia é forçoso: furtar com os lábios a amêndoa que está entre os dedos de uma bela jovem é atrevimento de bom gôsto; perdôa-se o atentado pela graça, e a graça faz rir.

Não há quem de repente se contenha, quando se é atacado pelo ímpeto do riso.

E logo depois a dignidade com que a Silfide rejeitou a mão do Souza!...

Não se concebem tantas reservas, véu tão denso, rosto tão obstinado e tão cuidadosamente escondido, e nudez tão teimosa em mulher caçadora de amantes, que é seguida por dois mancebos visivelmente ricos ou pelo menos alardeando exterioridades de riqueza.

Além disso há sinais de raça, e a incógnita os reúne todos; a alvura que se adivinha em seu semblante e em seu colo dão testemunho de ócio aristocrático e de pureza de linhagem; as mãos são de um mimo maravilhoso; é positivo que seus dedos nunca enfiaram uma agulha; seus pés tão pequeninos que os demônios das lindas botinas serviriam à imperatriz da China; juro em consciência que a dona daqueles pés tem forma especial, excepcional, e de encomenda na oficina de Melliés.

Ora combinando êstes sinais de raça com as inconseqüências de procedimento, e com o mistério guardado pela Sílfi-de, eu ainda mais me convenci, e devia logicamente convencer-me, de que eu e o Souza nos achávamos intrigados com uma senhora de alta classe, a quem atrapalhávamos e perseguíamos desapiedadamente.

Todavia, e para que negá-lo?... eu a adorava, estava, sem saber como e porque, doidamente apaixonado por essa mulher, de quem ainda não tinha visto o rosto...

Quanto mais se chegasse a vê-lo!... oh, meu Deus!... eu almejava e temia o momento em que se levantasse o seu véu! Imaginava-me fulminado pelo assombro de sua formosura...

Chegava a esta última consequência dos meus raciocínios, quando estremei a um

choque elétrico; era o tique-taque das botinas da Silfide que deixava a confeitaria...

Vi o Souza em marcha implacável a escoltá-la...

Não pude, protesto e juro que pensei em abandoná-la a seu destino; mas não pude... adorava-a... ia após ela...

Mas... o caixeiro da confeitaria acudiu, apresentando-me a conta...

A demora era horrível, e a conta da despesa exagerada... não tive tempo de fazer questão, e nem me lembraria de fazê-la, tirei do bôlso a carteira...

O caixeiro tinha por tanto surpreendido em meu rosto a admiração do excesso da despesa, e disse, defendendo-se:

— O senhor esquece que além da senhora houve aquêlê outro senhor que comeu bolo inglês e bebeu champagne por quatro!...

— Que o fizesse por quarenta! disse eu, dando-lhe um bilhete de vinte mil réis.

Ah!... o Souza comera bolo inglês e bebera champagne à minha custa!!! isso me desnorteava!...

Eu tinha e tenho ódio ao Souza.

Mas eis outra vez o caixeiro a chamar-me!... que demônio!...

— Pois devo ainda?... perguntei, voltando-me da porta.

— Ao contrário; é o trôco...

— Dê o trôco ao diabo, isto é, guarde-o para si.

E voltei para a rua.

Ouvi o caixeiro da confeitaria exclamar a rir:

— Parece um urbano atrás de um capoeira!...

Estrondou geral gargalhada no âmbito da confeitaria cheia de gente vadia.

Ah!... que triste papel estava eu fazendo!...

Oh, Filenos!... mirai-vos neste espelho...

XIII

No primeiro momento em que me achei na rua, não vi nem o Souza, nem a incógnita e quase que me escapou um grito de dôr...

Mas ainda bem que à luz do gás, pois que anoitecera, reconheci os dois, entrando no jardim da Praça; apanhei-os em breve, pondo-me à *marche-marche*.

Quando estava a emparelhar com êles, pisei de manso, e fui, pé por pé, observando-os.

O Souza falava à Silfide atrevidamente, conforme o seu costume.

Ouvi suas últimas palavras:

— Levanta êsse maldito véu, pavão da noite!... levanta-o só até a ponta do nariz; quero ver se a tua bôca é tão engraçada como o teu corpo é gentil!...

A bela incógnita fêz meia volta; o Souza, porém, executou volta e meia, passando do lado esquerdo para o lado direito da infeliz senhora.

Ela parou hesitando, e como fortemente contrariada; vendo porém, que o Souza não a deixava, para êle se voltou, e moveu o leque em sinal negativo, ou pedindo que a não acompanhasse, ou querendo indicar que ela não era o que o Souza pensava.

— Entendo perfeitamente! disse êste; diz que não quer que eu me vá embora!

Era indignidade!...

Mas, quem o diria?... a Silfide deixou ouvir outra rizadinha e foi andando.

— Eu — lógica no caso — raciocinei.

Quem ri, gosta;

A Silfide ri;

Logo a Silfide gosta.

Era achar graça de mais em homem impertinente e mal educado, como o Souza.

Mudei de opinião sôbre a Silfide, e assentei de pedra e cal que em vez de desnortçada senhora de alta classe, ela era positi-

vamente mulher *equivoca*, isto é, o pecado com máscara de santidade.

A pezar meu e de novo enfurecido, verifiquei a segurança matemática do meu raciocínio; porque a poucos passos vi o Souza na volta de uma das ruas do jardim tomar a mão direita da Silfide e apertá-la; é verdade que notei um certo esforço para libertar a mãozinha, mas foi sem dúvida esforço de pudor fingido, porque o petulante Souza nem largou a prêsa, nem teve que vencer insistente resistência.

Ah!... iam assim ambos!... a mão dela na mão dêle!...

Senti correr-me o corpo todo um calafrio terrível!... cheguei a supôr que fôsse princípio de acesso febril, porque logo depois do calafrio veio-me um calor do inferno.

Oh!... ainda uma vez o Souza me vençia em um pleito de amor!

XIV

Felizmente conservo sempre certa segurança de ânimo que me permite conter as explosões da cólera, enquanto recorro à lógica.

Raciocinei, como costume fazer nas circunstâncias mais graves.

Se a Silfide fôsse uma senhora de boa sociedade, a sua tolerância de tantas ousa-

dias do Souza seria prova de culposa e manifesta fraqueza, ante a qual a minha pronta e imediata retirada fôra além do dever de generosidade, o único recurso de quem nada mais tinha que esperar.

O caso teria sido de nova e positiva vitória do Souza sôbre mim: e que fazer?... ter paciência.

Mas a minha lógica infalível já me havia demonstrado até à evidência que a tal incógnita não passava de — elegante *equivoca*; ora em uma *equivoca* a condescendência em ouvir palavras doidas ou menos bem pensadas, e em consentir que lhe tomem e lhe apertem a mão, não assegura, nem promete coisa alguma, embora tudo pareça prometer.

As *equivocas* têm isto de bom consigo: com elas ninguém sabe quem ganha ao jôgo, senão no fim da partida.

Por consequência, tocar a retirada, abandonando a incógnita ao intrometido Souza, fôra inexcusável cobardia em quem já estava há perto de duas horas em rivalidade com êle, crescendo que eu tinha pago os regalos em quatro confeitarias, o que não valia a pena lembrar em relação à despesa, mas subia de importância pelo ridículo a que eu me expuzera, e que o meu *perverso* rival não se esqueceria de tornar público.

À força e procedência inquestionável destes argumentos ajuntava-se o que não devo nem posso disfarçar. Eu estava cada vez

mais alucinado por aquela mulher; tinha-a seguido, estudado, considerado atentamente durante cerca de duas horas, e redobrou de paixão por ela; a graça do seu andar, a magnificência de suas espáduas, o entono de seus seios, a delgadeza de sua cintura, a suave harmonia de suas formas eram de encanto voluptuoso que arrebatava. Eu pagaria a preço de ouro a dita de descalçar-lhe as botinas para ver-lhe os pés, e a de tirar-lhe as luvas de *Jouvin* para beijar-lhe as mãos.

Eu chegava a ter inveja da arcia que gemia sob suas botinas, e o leque de madre-pérola que sua mão meneava.

Talvez alguém repete inverossímil que se ame tão perdidamente uma mulher, cujo rosto ainda não se conseguiu ver.

Eis o que se chama com razão falta de lógica.

Como eu amo desatinada e inflamadamente é sem dúvida como pode amar aquê- le que ainda não viu o semblante da mulher que o arrebatava pela sua maravilhosa gentileza.

Em tais casos a imaginação é quem regula o fogo, criando por sua conta e risco um rosto para aquê- le corpo, e portanto um rosto que deixa na sombra o da *Venus de Medicis*.

A regra é tanto para o homem como para a mulher: a fisiologia não muda, é a mesma para um e outro.

O véu ou a distância sublimam a beleza da pessoa amada: é só depois que se vê à vontade o seu rosto, que sempre se encontra nêle alguma cousa de mais ou de menos, ou na côr, ou no ângulo facial, ou no nariz ou nos olhos.

Dez realidades que não valem uma imaginação.

E' por isso que sou romântico.

XV

Feitas estas reflexões, que apenas tomaram dois ou três minutos, desprendi a cólera que fervia em meu seio, e que pôde então prorromper bem dirigida.

— Ah!... disse comigo: deveras a mulher se fatiga do delicado cavalheiro que a ama com poéticos e respeitosos enlevos e prefere o audacioso culto do homem material que lhe fala aos sentidos?... deveras ela quer antes o atrevido que não a poupa nas lutas obrigadas com o pudor, do que o honesto e cândido amante que a adora em sua inocência e virtude para conservá-la nêsse altar, em que ela se eleva acima da terra?

Já tenho visto rir destas idéias: reclamo que se tenham em conta os meus vinte anos de idade, se por acaso estou em êrro.

E em honra do proveito imediato da minha experiência em ação, saibam todos como demonstrei ser *gente*.

Fitei o Souza e ela que caminhavam diante de mim de mãos dadas, e exclamei:

— Ah!... é assim?... pois vou cantar na mesma clave!...

E, sem calcular as consequências, resolvido a afrontar todos os riscos de uma provocação, dei um pulo de acrobata, e, ponde-me ao lado esquerdo da Silfide, segurei-lhe na mão esquerda, que era a que estava em disponibilidade, e disse:

— Esta é minha!

A jovem *equivoca* exalou um ai! menos de dôr que de surpresa, e olhando-me e sem dúvida reconhecendo-me, deixou logo de disputar-me a leve mãozinha, como instintivamente fizera no primeiro instante e, se não me enganei, creio que apertou-me os dedos, logo que reparou em mim.

O Souza encarou-me enrugando a fronte e, com sarcástico riso nos lábios, disse-me:

— Fileno!... acabas de magoar a mão esquerda desta nímosa criatura!...

— Penso que a mão direita da senhora não está menos apertada!...

— De certo, mas por isso mesmo; se eu tenho a mão direita, que é a que se dá em casamento, segue-se que não admito em ceder-

te a mão esquerda. Entendes?... não admito.

Respondi dominado por dois pensamentos: primeiro, que a Silfide era *equivoca*; segundo, que o homem que se abate e fraqueia perde tudo no conceito da mulher.

Respondi, pois, imediatamente:

— Tenho a mão esquerda, que é a do coração, e além disso, também há casamento de mão esquerda. Entendes?... não cedo.

O Souza tornou, dizendo:

— Por consequência, ou rasgaremos a moça pelo meio ou, para que ela fique inteira para um de nós, tirá-la-emos por sorte entre duas pistolas, uma carregada e a outra não...

Confesso; reconheci-me herói, dominando certo tremor que, a pesar meu, me vinha do coração...

-- Pois sim!... murmurei.

A incógnita fêz um supremo e súbito esforço e, arrancando as mãos que tínhamos presas, recuou dois passos e balbuciou baixinho:

— Não quero... proíbo...

Sua voz tremia... mas que voz suavíssima!... chegou-me ao coração.

Juro que, em atenção àquela voz melodiosa que acabava de deixar-se ouvir, não

haveria força humana que me obrigasse a aceitar o duelo...

O Souza ria-se sarcásticamente, o demônio, e olhava para mim!!!

Eu estava... realmente eu estava um pouco ou mesmo muito atrapalhado... a atrapalhão não podia ser de medo... não era... não podia ser..., mas eu estava atrapalhado...

E tudo isto à luz de um lampeão!... a luz do lampeão era o que mais me atrapalhava...

Todavia, tenho consciência de que eu guardava nobre e altiva atitude; pelo menos fazia para isso indizíveis esforços...

Felizmente, a bela incógnita livrou-me da luz do lampeão; retirando-se apressada, mas não podendo resistir à comoção, foi a pouca distância cair sentada em um banco de pedra.

O Souza, o celerado Souza, sem doer-se da situação dolorosa da pobre moça, tomou logo e impudentemente lugar ao lado direito dela.

Resignar-me a ceder fôra a última das vergonhas humanas...

Fiz voto de coragem...

Eu *idem* ao lado esquerdo.

XVI

O Souza, ainda sarcástico no tom, como eu o tinha visto sarcástico no riso perverso, disse:

— Tranquiliza-te, formosa peregrina! por amor dos teus pés pequenos, e da fivela do teu cinto, concedo a ressurreição a Fileno, que já se chorava defunto!...

Era uma insolência o que êle dizia!...

— Esta senhora me encadeia no respeito e submissão que lhe devo... aliás, eu teria exigido as consequências do desafio!... mas ... não faltam pretextos...

O Souza desatou a rir como doido...

Convenho em que eu acabava de incorrer em exageração de ousadia... e que as risadas do Souza deviam logicamente levar-me adiante...

Reconheço-o; a lógica tem às vêzes inconvenientes muito consideráveis, que resultam do direito que assiste aos outros de tirar as consequências dos princípios que cada um estabelece.

Ainda bem que a bela incôgnita sofismou-me os arreganhos de cavaleiro com o mais doce e inopinado favor; mercê da sombra, ela me impôs silêncio, espalmando sua mão sôbre a minha bôca.

Grudei meus lábios em sua luva macia.

A Silfide pareceu respirar suavemente abalada, e pouco depois, retirando a mão que eu beijava, dirigiu-a com tanto acerto, que logo encontrou outra que aliás a procurava, a minha, cujos dedos apertou, e manteve deliciosamente encadeados aos seus.

Embora êste modo de proceder confirmasse o juízo que eu havia feito, exultei com o sinal de preferência que me conferia a jovem *equivoca*.

O diabo do Souza!...

Se êste perpétuo e implacável rival não estivesse ali, do outro lado da Silfide, eu teria caído de joelhos.

Oh!... mil vezes mais feliz que o Souza, eu não prendera então à fôrça a mimosa mão da incógnita, e era ela que de própria vontade me apertava os dedos.

Renasceu-me a esperança, e com a esperança a alegria.

Acendeu-se em minha alma um desejo terníssimo e inocente: ousei ensaiar satisfazê-lo, e, encorajado pela tolerância, consegui descalçar-lhe a luva... ah!... ah!... que mão de setim!... que mão finíssima tive por momentos concedida ao gôzo inefável de meus lábios!...

Mas a feiticeira moça retirou a mão, e imediatamente deu-me a luva, que lhe calcei de novo, afagando-lhe os dedos...

O Souza principiava a afigurar-se-me tolo.

XVII

Todavia causava-me estranheza o silêncio do Souza, que é garrulo e sempre imperpetinente e brutal com as senhoras; mas eis que, de súbito, êle perguntou com pretencioso tom de superioridade:

— Onde moras, pequena?...

A moça não respondeu; eu, porém, estremei de raiva. O nosso gentil *objetivo* era em verdade *equivoco*; mas eu estava a seu lado, acabava de receber sinais clarísimos de sua preferência, e nêles esperançosa promessa de oportuno rendimento de amor, e portanto, a pergunta descortês e selvagem do Souza feriu-me o coração.

Mas, ao raivoso estremeamento que me agitou, a incógnita pressentiu catástrofe próxima, e, estremeando também, levou minha mão a seu peito e aí a comprimiu com fôrça.

Ainda uma vez ela me ordenava paciência.

Experimentei, naqueles momentos de interna luta, que há duas coragens diversas e

ambas de subido merecimento: a coragem da desafronta, que aliás não maravilha, porque é natural e frequente, e a coragem da paciência, que chega a ser heróica, quando há revolta do pundonor, e é santa, porque é evangélica.

Desvanço-me de haver dado provas dessa segunda coragem ali naquele banco de pedra do jardim da Praça da Constituição.

E posso desvanecer-me, porque o mais que vou referir me autorizava a matar o Souza, apoiando-me nas circunstâncias atenuantes do código criminal.

O palpitar do coração da Silfide sob a face palmar de minha mão tinha-me restituído o sossêgo pelo encantamento; como, porém, os namorados e os amantes são insaciáveis dêsses furtivos gozos de favores sem consequência, mas que preludiam donoso futuro, eu, que já havia beijado a mão sem luva, almejei ter o pé magoado e pisado pelas botinas, que tinham sido o primeiro invite à minha paixão.

Almejado e executado: adiantei o meu pé direito na direção do lado esquerdo... nada!... avancei mais duas polegadas... vácuo!... ainda mais quase meio palmo... oh!... encontrei o sapatão do Souza, e fugi com o pé, para que o asselvajado não mo esmagasse.

Invadia-me o ânimo a mais negra suspeita, quando me acudiu a reflexão que felizmente nunca me desampara.

Compreendi que o meu pé tinha errado o caminho...

Se é de lei universal que as cabeças dos namorados desgovernem, que de passos falsos não darão seus pés!...

Os namorados não têm pés nem cabeça; têm somente coração.

Creio que não pequei por ofensa da lógica.

Todos estão vendo que a minha infelicidade não proveio de falta de raciocínio.

Mas o desastre não me desanimou: imaginei e ambicionei gozo muito mais precioso, o de abraçar a — *equivoca* — que acabava de soltar a minha mão; alonguei o braço tímida e cuidadosamente sem tocá-la... fui contornando sua cintura para apertá-la no fim do semi-círculo que meu braço ia formando... fui indo... fui avançando... mas, ah!... ao completar o semi-círculo minha mão deu com a mão do Souza entrelaçada com a da Silfide!!!

Retirei horrorizado o meu braço.

Oh!... a Silfide fazia à direita o que eu estava fazendo à esquerda!... andava a dois carrinhos!... enganava o Souza e a mim!...

Eu ia exclamar, quando o Souza perguntou:

— Que rato andou aqui?...

Fiz um movimento para levantar-me; a incógnita, porém, segurou-me convulsivamen-

te pelo braço, e logo depois cruzou seu dedo indicador sobre os meus lábios, e com êle tocou-me em seguida no lugar do coração, como a pedir-me silêncio e a pedir-me amor.

Depois do desastre do pé, o desastre da mão acendera em meu ânimo luz de verdade infernal!...

Não me submeti, como até então, à vontade absoluta da Silfide; mas, ainda inflamado de paixão, ergui-me e disse ao Souza:

— Pois que somos dois, há um demais!...

Às vêzes, o homem tem repentes inconsiderados com êle, não sabe em que se mete!

O Souza foi mais prudente do que eu; levou o caso a rir e respondeu-me:

— Concordo na demasia; ergo, põe-te ao fresco, pelo menos até que eu decifre esta charada!

— Acabemos com isto!...

— Sim, acabemos: eu digo o que disse o Lopes do Paraguai: *Il faut finir pour commencer*; tradução livre: tu acabas e eu continuo.

Tornei-me profundamente grave para prevenir um choque iminente e ameaçador de consequências lúgubres, disse:

— É noite; esta senhora não pode expôr-se, retirando-se só, e menos perseguida por dois importunos...

— Perfeitamente!... é isso o que penso...

— Que ela escolha, pois, entre nós dois, o cavalheiro que a deve acompanhar...

— Convenho nisso; mas sob uma condição *sine qua non*.

— Qual?...

— Que o cavalheiro escolhido seja eu!...

— Provocas-me?... queres obrigar-me a seguir-te?...

Declaro em consciência que eu já não pensava no que dizia.

— A seguir-te?... Exclamou o Souza; menos essa! eu fico aqui...

E tornou a sentar-se ao lado da Silfide, que se conservava imóvel.

Eu não tive consciência do que fiz; maquinalmente, porém, sentei-me ao lado esquerdo da Silfide.

O Souza disse, como se comanda na escola dos recrutas do exército:

— Última forma!

XVIII

Quando dei por mim sentado no mesmo pôsto, donde pouco antes tinha-me levantado com o desprezo que me inspirara a mulher indecorosa e duplamente mistificadora, compreendi que alguma vertigem ou passageira

alteração me havia atirado ao banco de pedra.

Que desilusão!... que falso raciocínio me lançara no mais triste êrro!...

A Silfide que eu, com segurança matemática, reconhecera por — *equivoca* — era positivamente — *comunista*.

Silfide é denominação que não tornarei a dar-lhe; dora avante hei de chamá-la — *andeja* — e simplesmente *andeja*, porque nunca prescindindo do pudor da palavra recomendado por *Lamartine*.

Mas eu não posso queixar-me da minha lógica: tirei consequência legítima dos princípios únicos que o procedimento daquela mulher permitia estabelecer: até então ela fôra *equivoca*; a lógica não mentiu.

Agora já tenho outras premissas: tenho uma mulher que prefere para sentar-se um banco de pedra apartado dos lampiões, e meio encoberto pelos ramos de árvores; — que tolera sentado à sua esquerda um terno e respeitoso namorado, e à sua direita o mais arrogante e desfaçado conquistador; — que, enquanto me permite descalçar-lhe a luva e beijar-lhe a mão nua, deixa o outro atropelar-lhe as lindas botinas com um sapatão de carcamano; — e que enfim ao mesmo tempo dava ao Souza a mão direita, e a mim a esquerda, para de igual modo iludir-me. Por consequência é *andeja*.

Agora pois o raciocínio é inabalável, e o êrro tornou-se impossível. A minha lógica já

rebaixou tanto essa mulher, que não pode fazê-la descer mais.

Eu sentia-me tão arrependido do tempo e das ternuras que gastára com essa desgraçada e vil criatura, tão aborrecido da sua companhia e da sua escandalosa duplicidade, que somente pelo maligno desejo de incomodar o Souza, e de estorvar o interesseiro e impudico desígnio da *andeja*, determinei não arredar-me dali e vingar-me de um e de outra, impondo-lhes a minha presença inexorável.

Devo confessar que com o impulso vingativo desta resolução se misturavam lembranças das suaves proporções das botinas, das formas e contornos do corpo, e da mão de setim da tentadora *andeja*; mas era tão real e profundo o meu ressentimento e o meu desprezo, que ela debalde já por vêzes procurára abrandar-me a cólera com afagos miúdos, que aliás não indiciavam ousada imodéstia de mulher degradada.

Ora sua mão buscava a minha, que logo lhe fugia; ora o seu véu roçava pelas minhas faces, ora a sua botina tocava como por acaso a minha, e depois de um momento se retirava para voltar de novo a repetir o invite.

Tudo isso podia indicar amor sem fazer suspeitar impudicícia; eu, porém, forte pelo raciocínio, combinava o presente com o passado e não caía no ardil.

Entretanto... -- verdade sempre -- eu ia recomeçando a gostar... gostava!...

E como não gostar?... a *andeja* era arrebatadora, e os seus indícios de pendor para o lado esquerdo deviam estar atormentando o lado direito.

A *andeja* moveu-se de leve, e, chegando-se mais para mim, sua cabeça inclinou-se bastante para que resvalasse o rosto pelo meu ombro...

Andeja embora, o conchego era perigoso...

Ainda pude manter a frieza do desdém!... apenas deixei de afastar o ombro; porque... sim... evidentemente seria incivildade fazê-lo.

Mas o Souza exclamou:

— Pior vai a graça!... pequena! tu vais escorregando para a sinistra, e todavia a dextra ainda está para dar-te o primeiro beliscão!...

A *andeja* não respondeu, e suspirando aproximou-se ainda mais de mim...

Que intento era o dela?... queria tentar-me ao doce contato de seu corpo, ou enfim temerosa do Souza reclamava proteção?...

Uma *andeja*!... era falta de lógica admitir a segunda hipótese; o meu desdém me aproveitava; por consequência, gelo no caso.

O Souza tornou.

— Ah?... é assim?... anuncio crise entre o lado direito e o lado esquerdo!

E, apertando do seu lado a *andeja*, acrescentou:

— *In medio posita virtus!* pequena! vê que milagre! tu és a virtude!

Ou ressentida do meu nobre e heróico desprezo, ou revoltada pelas insolências do Souza, a *andeja* levantou-se com impulso arrebatado, e ao terceiro passo voltou-se para trás, e, ostentando na atitude soberana dignidade senhoril, que fora do salão aristocrático só se veria igual em sublime cena dramática de teatro, ergueu um pouco o braço direito, e com a mão que segurava o leque ordenou-nos em eloquente mimica que ficássemos onde estávamos.

A luz de um lampeão a iluminava no ponto onde ela parara. A *andeja* afigurou-se-me um anjo fulminador do pecado.

E todavia era *andeja!!!* oh!... as *comunistas* sabem fingir tudo!...

Dada porém a ordem de imobilidade, a *andeja* dirigiu-se a passos grados e imponentes de dignidade para o centro do jardim.

O Souza e eu tínhamos ficado já de pé, mas como em suspensão de sentidos.

— Diabo!... murmurou o Souza, eu hei de adivinhar êste enigma!...

E a passo acelerado foi, pela regra *doti possidetis*, por-se ao lado direito da *andeja*.

Cedi-lhe a prioridade da desobediência e da indiscreção; mas, imediatamente depois do seu flagrante delito, eu à esquerda.

Continuação da crise.

XIX

Notei que o Souza me olhava com ciúme e ira inflamada à medida que iam os andando aos dois lados da *andeja*.

Não posso negar que algumas apreensões muito desagradáveis me perturbavam a determinação imprescindível de teimar naquela disputa de rivalidade, em que eu fôra o provocado; eram, porém, apreensões justificáveis; que não amesquinham a minha coragem.

Eu calculava as inconveniências morais, e o mau juízo público que resultariam para mim, mancebo de boa família e de educação esmerada, se se desse um conflito material, duelo ou pugilato, do Souza comigo, por causa de uma *andeja*.

Já se vê que ainda nas minhas apreensões eu sem pecar por mêdo resplandia pelo vigor da lógica.

Mas a *andeja* simulava não reparar nem em mim, nem no Souza, e ia indo...

Entretanto, pareceu-me que ela mais de uma vez voltava de leve a cabeça para o lado esquerdo...

O lado esquerdo era eu...

Ora, de cada vez que ela voltava a cabeça, o meu coração tirava uma consequência...

E continuávamos a caminhar a passos grados, como ela...

Eu levava os olhos em vaivém incessante dela para o Souza, e do Souza para ela...

Pareceu-me que o Souza cogitava... arreceei-me: quando êle cogita, há sempre em resultado algum malefício...

Observei que o Souza se sorria, porque vi-o fazer uma careta; é assim que êle ri, quando imagina perversidades.

Chegávamos nesse momento ao lugar onde levantando brilha à noite um dos grandes lampeões que cercam a estátua equestre; é o ponto de mais viva luz, e eis que o Souza com desajeitado movimento do braço atira ao chão o leque da *andeja*.

Que selvagem!...

E logo ao mesmo tempo ela e êle se curvam para apanhar o leque. O Souza foi o primeiro a levantá-lo, e, oh habilicíssimo tratante! servindo-se do leque, ergueu em rápido e revoltante meneio o véu de *andeja*, e à luz do lampeão viu-lhe de relance, mas bem de perto, o rosto...

O véu traiçoeiramente levantado caiu de novo e com o socorro convulsivo e rápido das mãos da *andeja* sôbre o semblante que até então nos fôra obstinadamente negado.

A *andeja* exalou um gemido pungente, um ai! de misera vítima.

O Souza recuou dois passos...

No primeiro instante pareceu-me que se confundia desapontado; logo depois, porém, o seu aspecto indicou arrependimento ou confusão...

A *andeja*, estendendo para êle as mãos, como a pedir sêgrêdo e compaixão...

A fisionomia do Souza passou de expressão de sarcasmo a tributo obrigado do mais requintado respeito.

Eu o julguei enleado, sem saber a quantas andava, e arrependido do que fizera...

Finalmente, entregando o leque com a mais reverente cortezia, o Souza disse à *andeja*, tremendo-lhe a voz, e nela acentuando respeito profundo.

— Será possível que V. Ex. chegue a perdoar ao indiscreto?...

A *andeja* recebeu o leque com a mão esquerda, e em sinal de indulgência, mas de modo nobre, decoroso e um pouco altivo, deu a mão direita ao Souza que, curvando-se humilde, beijou com as pontas dos labios a luva, e continuou, falando em voz baixa:

— Se V. Ex. precisa de um pagem, ficarei a servi-la; se tem ordens a dar-me, serei pronto em executá-las, ou enfim... seguirei já meu caminho... almejo sòmente merecer pela obediência mais absoluta o esquecimen-

to de ofensas involuntárias, pois que eu já-mais as houyera feito se pudesse supor...

Um movimento da *andeja* cortou a palavra ao Souza, que logo depois, inclinando-se ainda mais reverente, perguntou:

— Devo cumprir alguma ordem?...

A *andeja* refletiu breves momentos, e, chegando-se ao Souza, disse-lhe ao ouvido, mas sem levantar o véu, a ordem que lhe dava.

A ordem resumiu-se em uma única palavra que conseguiu ouvir; foi esta:

— Um carro.

O Souza saiu apressado.

Eu fiquei só com a *andeja*.

XX

Não posso continuar a chamá-la *andeja*. Ainda uma vez eu tinha raciocinado em falso.

Reconheço que havia comprometido a precisão habitual da minha lógica pela precipitação dos meus raciocínios na tarde e noite desse dia.

Eu chegaria a acreditar que os namorados são todos mais ou menos absurdos e portanto incompatíveis com a lógica, se não mi-

litassem a meu favor tantas aparências enganadoras, fontes de meus lamentáveis erros.

Mas tenho ao menos para mim que dei provas da certeza do meu ponto de vista, da admirável evidência do meu juízo, pois que o primeiro pensamento em que me firmei depois de prudente hesitação, foi que a incógnita era senhora de alta classe desvairada pelo ciúme ou pelo amor.

E eis aí!... está verificado o que eu pensava!...

O Souza, tão atrevido e brutal com a incógnita, conseguira rudemente levantar-lhe o véu; mas, ao ver-lhe o rosto, recuou confundido, e, mudando de tom e modos, falou-lhe curvo e com ostentação de cortesia, pedindo perdão de seus condenáveis excessos, e pon-do-se ao seu serviço como criado obediente.

Por conseguinte a incógnita é senhora aristocrata, ou pelo menos da alta classe social.

Desta vez isso é evidente, é matemático.

Mas, sendo ela quem é, como a tanto se viera expor, sujeitando-se a passar por hipóteses que o Souza e também eu exagerámos um pouco pela ignorância da condição do nosso objetivo?...

Ah!... é que também não faltam na sociedade elegante e soberba pecados do coração, e tentações do amor que obrigam loucuras disfarçadas sob os véus, que em tais casos são máscaras.

Todavia, que intrepidez a dessas nobres cabecinhas de vento!!! a quanto se arrojam em seus desatinos de algumas horas!...

Exemplo: — esta surpreendente incógnita!

Além do insultuoso tratamento que recebeu do Souza, eu mesmo já a considereei — *equivoca* —, já rebaixei-a até *comunista*, e somente agora reconhecia-a por — *honesta*!

Honestas?... sim: o disfarce e o considerado procedimento da incógnita bem podem ser determinados por ciúme frenético de espôsa traída...

Há muito disso nos salões dourados... e também paixões vulcânicas que produzem eclipses do sol e da lua...

Mas de que maneira hei de eu explicar a doce condescendência que me deixou descalçar aquela luva e beijar aquela mão?... e os ternos sinais de afeto que incontestavelmente me foram dados no banco de pedra?...

As dúvidas sobre a explicação cederam ao gozo da suave lembrança dos inocentes favores que me concedera uma senhora jovem, graciosa, sedutora e de elevada condição.

Imaginei-me ternamente aristocratizado; esta idéia desculpa tudo...

Entretanto, não era admissível que eu continuasse a chamar, mesmo só entre mim, a feiticeira incógnita com o nome — *andeja*. Nem com o de *Silfide*.

Um — *Andeja* — tinha laivos de menos-cabo, o outro — *Silfide* — era pouco respeitoso.

Chamá-la-ei agora e sempre em minha alma: — *Bela misteriosa*.

Creio que é poético.

Um pouco ou muito descortezmente abstrato fazia eu com a celeridade elétrica do pensamento estas reflexões, quando estremecei ainda eletricamente, ouvindo um suspiro mal abafado.

Era a *bela misteriosa* que acabava de suspirar ao pé de mim.

XXI

A minha abstração fôra imperdoável.

Eu ficára só ao lado de uma senhora encantadora, e por acaso, em difficil situação, de noite e em um jardim público, e me abandonara a vãs e inoportunas reflexões em vez de apressar-me a assegurar-lhe minha dedicação de cavalheiro acatador e submisso.

Inclinei-me diante dela e murmurei comovido:

— Mil vêzes perdão, minha senhora!... aos pés de V. Excia. peço, requeiro o perdão de insólitas liberdades, que em mudo recolhimento acabo de calcular afrontosas!... oh!... confesso!... a gentileza, o esplendor deslum-

braram-me... não cuidei da condição que não me era possível adivinhar!...

A *bela misteriosa* deu um passo para mim.

Eu acrescentei:

— Até há pouco fui impertinente e incivil... agora sou escravo. V. Excia. perdoame?...

Ela tomou-me o braço e disse-me baixinho:

— Obrigada!... não me ofendeu.

Obrigada?... que me agradecia ela?... ah!... o contato do seu braço fêz-me palpitar fortemente o coração.

• A *bela misteriosa* continuou logo, dizendo-me:

— Não me ofendeu... ao contrário... sua presença foi escudo providencial... ah!... sofri muito... mas... o senhor... nem um só instante me desrespeitou...

Compreendi o que ela queria explicar; o Souza tinha-a menosprezado e atropelado cruelmente, enquanto eu, embora terno e apaixonado, soubera não ultrapassar as reservas da delicadeza de cavalheiro.

Lição moral: é sempre conveniente, generoso e digno guardar atenções e respeito para com as senhoras incógnitas.

Protestei conservar as minhas vantagens, apurando o melindre dos meus extremos.

— Pois que V. Excia. é tão indulgente comigo, permita que eu me consagre à cega obediência de tôda a sua vontade, sepultando no olvido as expansões leais, mas indiscreta e abusivamente manifestas de um sentimento que ainda será feliz recebido como veneração...

— Mas por que o olvido?... apraz-me guardar a lembrança...

Eu estremeci outra vez... palavra de honra que estremeci da cabeça até os pés!...

E ela, para acabar de desorientar-me, para pôr-me doido, apertou-me de leve o braço a seu peito, e murmurou comovida:

— Não se é nunca em vão nobre, generoso e delicadamente apaixonado...

— Minha senhora...

— Quanto fêz por meu decôro, nem pensa!... quanto me penhorou, não calcula!...

— Meu Deus!...

— Quer saber?... eu creio que há destinos escritos no céu!...

— Que quer dizer?... oh!... acabe!... que quer dizer, minha senhora?...

— Que estava escrito!...

E não sei como foi; mas as mãos que tinhamos livres se aproximaram, e se apertaram de comum acôrdo, e a minha pelo menos em movimento de inspiração independente da consciência, que estava positivamente de garantias suspensas!...

Afirmo debaixo de minha palavra de honra que, nesse momento de indizível enlevo dos sentidos, eu me achava cem léguas longe de todos os preceitos da lógica, e exclusivamente entregue ao despotismo do coração; exclamei:

— E o que estava escrito?... diga!...

A *bela misteriosa* perturbou-se... abaixou o rosto, a que por santo pudor não bastava o véu, e abalada, terna, sublime, balbuciou a tremer:

— Amor!...

Eu ia cair de joelhos aos pés da *bela misteriosa*...

Mas nesse instante chegou-se a nós o Souza, e disse com a mais atenciosa gravidade à *bela misteriosa*:

— O carro está à disposição de V. Excia.

XXII

O carro!...

O carro significava separação.

Ah! depois do que acabava de ouvir-lhe, separar-nos assim, talvez para sempre, sem que eu soubesse ao menos seu nome de batismo, e o céu onde morava êsse anjo!...

Mas não fui eu só a sofrer... não fui eu só!...

O momento foi de terna e dolorosa commoção para nós ambos!

Ela respirava ansiosa...

O importuno Souza perguntou:

— V. Excia. se digna ordenar-me que eu tenha a honra de conduzi-la?...

— Onde está o carro?...

— À entrada do jardim defronte do "Hotel des Princes".

— Agradecida à sua bondade, disse a *bela misteriosa* com um tom que só o Souza não compreenderia que fôsse de despedida.

O impertinente insistiu:

— Quando V. Excia. quiser me exaltarei com a graça de acompanhá-la...

A *bela misteriosa* como que se impacientou, e disse:

— Quero já; vamos...

O tolo do Souza fêz uma reverência e ofereceu o braço...

— Perdão! observou-lhe a jovem senhora, está vendo que eu já tinha aceitado o braço dêste senhor...

— Ah!... murmurou o meu infeliz rival, recuando perturbado.

— É um amigo da confiança e intimidade de minha familia, acrescentou ela.

O Souza ficou mudo, imóvel e olhando-me com ódio feroz.

A *bela misteriosa* tinha sem dúvida tomado a peito atormentar o insolente que tanto a menoscabara antes de a reconhecer.

— Quer ter a complacência de ir mostrar-nos o carro?...

O Souza não respondeu; mas encaminhou-se logo para o lugar que indicara.

Nós seguimo-lo.

Eu balbuciei em segredo ao ouvido da *bela misteriosa*:

— Devo pois morrer sem ao menos saber por quem?...

Por única resposta ela me apertou o braço.

Oh!... isso era muito; mas que importava, se iam separar-nos?...

Chegamos. O carro estava à espera.

O pobre Souza abriu a portinhola, e beijou a mão que a *bela misteriosa* lhe ofereceu em despedida, dizendo:

— Assegurando-lhe o esquecimento das inconveniências com que me maltratou, supponho-me garantida da sua discreção.

Depois voltou-se para mim e disse:

— Peço-lhe o favor de acompanhar-me, quero que me leve apadrinhada...

E entrou ligeira no carro.

Eu creio que nem pus o pé no estribo! achei-me de um salto ou de um vôo ao lado da *bela misteriosa*.

O Souza, coitado, bateu com a portinhola e retirou-se acelerado e sem dúvida furioso.

XXIII

Não estava ainda em mim, mas era indispensável estar, porque o cocheiro, sem voltar a cabeça, perguntou:

— Para onde?...

Repeti a pergunta à *bela misteriosa*.

Ela me respondeu depois de breve hesitação.

— Nem sei... ah! por ora para tôda a parte e para nenhuma parte...

Não sei como não morri de alegria!...

Bradei ao cocheiro:

-- Leva-nos à *Glória* e segue depois até o *Botafogo*.

O carro partiu.

A *bela misteriosa* rira-se; tinha-me compreendido.

Na ordem que dera, eu havia traduzido minhas ardentes sensações, porque julgava elevado à *glória* que *botava fogo* em todo o meu ser.

XXIV

A *bela misteriosa*, ao sentir que o carro largára, estremeceu vivamente, e afastou-se um pouco de mim, como instintivamente medrosa do perigo a que na verdade com inconsciência acabava de expor-se.

Era meu primeiro dever tranquilizá-la; ela porém interrompeu-me logo às palavras que lhe ia dirigindo.

— Não me fale ainda, disse-me balbuciante; deixe-me sossegar... preciso... ah!... que louca!...

— Minha senhora...

— Não me fale!... repetiu-me; rogo-lho. Obedeci.

Durante alguns minutos de silêncio e de concentração, de que eu também necessitava muito, coordenei minhas idéias e observações.

A *bela misteriosa* era, sem mais dúvida possível, senhora de elevada hierarquia e habituada a mandar, ainda mesmo zombando de quem lhe cumpria o mando; prova: o pobre Souza que nos batera a portinhola.

Era leviana, ousada e caprichosa, e imprudentemente aventureira, prova: a minha feliz situação e o seu arriscadíssimo abandono aos transportes prováveis do meu amor.

Era ainda assim objeto de consideração respeitosa e de profundo acatamento; prova: a atitude e modo que tomara para com ela o Souza, desde que a reconhecera.

Quem poderia ser a *bela misteriosa*?...

Decididamente não era brasileira; havia no seu falar evidente sotaque estrangeiro, que denunciava provavelmente senhora francesa familiarizada com o idioma português; custa-

va-me acreditar que ela pudesse fingir-se estrangeira com tanta verossimilhança.

Em todo caso a sua audácia era tão estúpida como a sua sensibilidade inflamável.

Admirara-a ouvindo-a dizer com voz segura que eu era amigo de confiança e da intimidade de sua família...

E quem sabe se eu o era realmente ou não?...

Ela negava-me ainda a dita de adorar-lhe o rosto... amava-me; é positivo que amava-me!... desde quando?... desde essa tarde?... desde uma hora?... era quase inacreditável essa minha felicidade instantânea e milagrosamente realizada.

Ainda mais: a *bela misteriosa* em tudo sedutora, maravilhosamente bem feita e engraçada, delicada no talhe e nas maneiras, mostrava ter voz pouco agradável pelo tremor e pela inflexão um pouco nasal; era uma voz como que artificial, dissimulada, que não se harmonizava perfeitamente com o seu todo tão encantador e angélico; voz tolerável em qualquer outra, mas reparável no meio dos prodígios de gentileza e mimo de criatura tão encantadora.

Essa voz era por força fingimento, ainda o véu no som da voz, como o véu na formosura do rosto.

Entretanto o essencial é que — estava escrito! — eu me sentia perdido de amor, e de

paixão violentíssima pela *bela misteriosa*, e ela amava-me!...

Mas onde iria eu com semelhante amor vulcânico por semelhante jovem, senhora aristocrática, tão audaz, imperiosa e arrebatada?...

A glória começava a atormentar-me; experimentei que a altura do Capitólio causa vertigens...

Pensei na rocha Tarpeia... devia haver Tarpeias na família daquela senhora!...

Não me tenho por medroso; mas o homem prudente cogita e mede as consequências.

Até então eu só me havia achado envolvido em intrigas escarpadas com *equivocas e comunistas*, e por tanto sem responsabilidade perante a lei et cætera...

Mas a hipótese que estava passando o facto era de natureza muito mais ponderável e apreensiva...

Todavia, eu tinha-me adiantado tanto!... ah!... a paixão me bradava: *redire sit nefas!*...

Fechei os olhos para reacionar melhor!...
Inspiração perfeitamente lógica!...

Por consequência eu devia fechar os olhos e prosseguir.

XXV

Eu acabava apenas de fechar os olhos e de deduzir a consequência do meu abandono cego à fortuna que também é cega quando a *bela misteriosa* me pôs em exaltação e alarma a visão e todos os sentidos, dizendo-me:

— Julgo que posso em fim falar-lhe e ouvi-lo; começo por dizer-lhe o que sabe: Tenho horas de loucura... sou doida...

— E faz endoidecer... eu lho juro, minha senhora.

— Sou, porém, sómente doida de amor... não o fui nunca... corrijo-me... hoje o sou pela primeira vez... acredita-o?...

— Eu só tenho consciência de uma santa loucura... da minha... que é também de amor!...

— Então foi contágio fatal; porque... infelizmente... sou casada...

— Contagiado morrerei impenitente, abençoando o meu pecado!

— Não sou culpada por ter-lhe escondido até agora o meu rosto; ainda é tempo! imagine-me feia e horrenda...

— Imagino-a tal qual é, formosa como Venus!...

— Admito a comparação, porque meu marido é coxo como Vulcano.

— Ah, minha senhora! não se deve desejar mal ao próximo; eu porém tornei-me hoje tão apaixonadamente perverso, que não me comoveria se o marido de V. Exc. quebrasse a perna de que não coxeia.

Eu falava à *bela misteriosa* no tom que ela havia marcado, mas devò declarar que me sentia desafinado.

Havia no diálogo ligeireza e liberdade de mais para uma senhora casada e de boa sociedade.

Ela me respondeu imediatamente.

— Não deseje êsse mal desnecessário a meu marido; êle nunca me segue; sou eu que às vêzes desorientada o sigo... trocamos os papéis na vida conjugal!

— A confissão me mortifica!... doi-me que Venus tenha ciúmes de Vulcano; não há ciúmes sem amor...

— Há.

— Como?...

— A vaidade tem ciúmes... ah!... eu os tive hoje e horríveis!... agradeça-lhos!... devo a êles ter encontrado Venus desencaminhada...

— Desencaminhada!... eu protesto!

— Vulcano despediu-se da espôsa na manhã de hoje, pretextando urgência e necessidade de ir passar dois dias em Petrópolis...

— Boa viagem!... que fique perpetuamente no alto da serra!...

— E Venus, desconfiada e ciumenta, saiu incógnita em procura do marido, a quem reputará traidor... foi por isso que Marte a encontrou aventureosa e só, e a perseguiu, tentou-a... e alucinou-a!...

A minha desafinação cedeu ao tom maior e absoluto da franca declaração de rendimento da fascinadora e *bela misteriosa*; com as minhas mãos procurei as dela, achei-as, tomei-as, levei-as aos meus lábios, e ia devorá-las a beijos fervidos e lascivos, quando a voluptuosa, mas contraditória e soberba senhora, mas arrancou do fervoroso enlace, e com voz altiva, e de tom inopinadamente mudado, perguntou-me ansiosa, porém senhorilmente:

— Que pensa então de mim?...

Não soube que responder-lhe.

— Que idéia faz de mim?... ordeno-lhe que o diga!... que idéia faz?...

O movimento de soberba e alvoroço, e a expressão de desconfiança, de menosprezo com que a *bela misteriosa* me interrogava quase irado, atarantaram-me por alguns instantes.

— Diga-o... repetiu ela.

— Tenho somente uma idéia, respondi.

— E qual?...

— A do meu amor; como quer que eu tenha a liberdade de pensar e raciocinar, estando a seu lado?

A *bela misteriosa*, denunciando-se irrefletida e precipitadamente mudável de pensamento e de ação, entregou-me as mãos, que pouco antes havia arrancado das minhas, e, ajudando-me com um leve impulso a levá-las até os meus lábios, disse docemente:

— Creio que era aqui que elas estavam quando em revolta injusta lhas tirei.

Respondi com os meus lábios em suas mãos, e sem falar.

XXVI

Que mulher ardente, caprichosa, insensata e adorável!...

Já me havia falado com leviandade inescusável em senhora de sua classe e educação, referindo-se a seu marido.

Passara dêsse extremo, menos digno dela, a inesperado assanho de orgulho e de ressentimento, por suspeitar-me menos convencido da elevação do seu merecimento, e dos seus direitos à minha submissão de simples escravo nobilitado pela graça do seu amor, ou do seu capricho.

E logo e imediatamente ei-la caída das alturas do escabroso orgulho no seio suave e brando da mais terna sensibilidade!

— Há predestinações, disse ela em tom de meiga queixa; oh, há predestinações!...

por que sai endoidecida de minha casa?... por que havia de encontra-lo?... por que o senhor havia de seguir-me?... não foi?... eu devia amá-lo.

— Ama-me?... oh! ama-me?... perguntei.

— Ainda o duvida?...

— Ainda.

— Aqui?... sentado junto a mim, a sós comigo... neste carro?...

— Ainda assim.

— E por que?...

— Por que continua a ocultar-me o seu rosto.

— Se fôsse horrível... se lhe fizesse medo?...

— Impossível!...

— E se me reconhecesse?...

— Mil vêzes maior felicidade!

— Para o senhor, eu creio; que egoista!... mas para mim?...

— Oh!... e diz que ama-me!

— Tem razão!... exclamou a *bela misteriosa* com ardor.

E rápida sempre em pensamento e ação elevou as mãos ao véu, e levantava-o quando estremeceu, e deixou-o cair, dizendo:

— Não... não!...

— Minha senhora!...

— O meu véu esconde não um rosto, mas um nome que eu tenho obrigação de não marear.

E' claro que eu não podia atacar de frente aquêlo sofisma de virtude conjugal, ou de honra do nome do marido, cuja defesa se reduzia a um véu, que escondia o rosto da mais formosa pecadora.

Mas eu estava seguro, certissimo de verme livre daquele véu importuno e cruel.

Insisti no mesmo expediente que estivera já a ponto de dar-me a vitória.

— Não ama-me, disse, fingindo-me triste.

— Não o amo?...

— Não.

— Que homem fatal!...

Percebi que ela hesitava...

Repeti:

— Não ama-me.

A bela misteriosa agitou-se, como em íntima luta; logo depois disse:

— Espere...

Voltou-se um pouco para mim, com os dedos de uma de suas mãos fechou e compri-miu-me os olhos brandamente, mas bastante para que eu nada pudesse ver...

Um instante mais, e sua bôca veio colar-se na minha, e um longo e férvido beijo me fêz vontade de ficar cego assim todo o resto da minha vida.

— Amo-o?... perguntou ela enfim, retirando a mão que me cegara.

Abri os olhos.

— Ah!... o véu tinha já caído sôbre o rosto da *bela misteriosa*.

XXVII

O beijo fôra incendiário...

Eu absolutamente abandonado pela lógica, ou ao contrário, perfeitamente lógico nas flamas concludentíssimas em que ardiam os meus sentidos, tornára-me fervoroso, exigente de mais incêndio...

A *bela misteriosa*, trêmula de comoção, porém menos exaltada do que eu, e talvez por educação e hábito de dominar-me, mais senhora de suas paixões, pousou sua mão no meu ombro e disse-me:

— E' preciso que nos serenemos; dei-lhe a prova material do meu amor, única que lhe posso conceder...

— Única?...

— Das materiais, a extrema...

— Ah!...

— Do amor do coração e da alma... do amor que, sonhando, vela no sono, e sonha sempre durante a vigília... do amor, meu pensamento, e meu cuidado único... do amor

espiritual e poético... oh!... dar-lhe-ei o infinito!... quer amar-me assim?...

Eu sentia fogo nas entranhas e respondi desorientado e um pouco descortês:

— Eu quero amá-la de todo os modos!...

Ela riu-se e não deu-se por ofendida.

Dai a pouco perguntou, quase gemendo, queixosa:

— Diz que ama-me e quer-me indigna?...

— Oh!... mas o seu amor e a sua beleza encantam-me e transportam-me!...

— E eu não o amo?... pensa que não sofro?...

— Mas, apaga-me, mata-me tôda a esperança!...

— A esperança nunca se apaga, nem morre; não tem ela o futuro para dar-lhe luz e vida?...

— Ah!... permita ao menos que eu espere...

— Eu não prometo coisa alguma... mas que eu lhe permita esperar, não é preciso... esperar no futuro... é seu direito... a esperança não vive sempre do futuro?...

Eu septia-me embrulhado em rosas e espinhos, em luzes e nuvens de esperança e de futuro.

Ainda muito comovido, murmurei, como a pedir esmola vergonhoso:

— Minha senhora... dê-me um raio de luz!...

Ela respondeu-me impacientada:

— Que crueldade!... jurou fazer-me corar?...

— Oh!... não!... respondi inundado de felicidade.

Em breve a *bela misteriosa* que conseguira ameigar-me e domar-me com a condescendência da esperança, disse-me:

— Amo-o; sou porém casada, e devo ao nome nobre de meu marido e à sociedade em cujo seio vivo, reserva e cautelas, que serão cruéis para nós ambos...

— Como?...

— O senhor me conhece; já temos estado juntos nos mesmos salões... o senhor... talvez seja vaidade minha; mas... creio... que o senhor já em mais de uma noite de reunião e de baile esqueceu seus olhos perdidos em meu rosto... já me distinguiu... e sabe o meu nome...

— Ah!...

— Já uma vez me dirigiu lisongeiras palavras que fingi não compreender...

— Ah!...

— Mas já então... eu o escutara de mais!... nem sabe o mal que tem-me feito!... então era uma ânsia e uma dúvida em mil névoas escuras de temor de ilusões, e de receios do coração de espôsa honesta...

— Oh!... mas V. Ex. me martirisa!...

— Por que então não adivinha quem sou?... bem vê que a mártir agora sou eu!...

E era; porque realmente eu hesitava entre mais de vinte belas e elegantes senhoras da melhor sociedade, a quem fazia a côrte por passa tempo e por gosto de galanteria.

A *bela misteriosa* prosseguiu, dizendo:

— Perdôo-lhe a incerteza; própria de quem namora a tôdas... perdôo-lhe hoje; mas amanhã, desde amanhã serei leôa embravecida, e não respondo por mim...

— Em tal caso devo ver-lhe o rosto para saber de quem sou escravo...

— Mais tarde o verá; o senhor ou ama-me ou me engana. Quando eu me convencer de que o seu amor não é zombaria ou capricho passageiro, quando eu puder contar com o seu amor e com a sua discreção, mostrar-lhe-ei o meu rosto; por ora dar-lhe-ei apenas o direito de adivinhar-me entre dez, ou quem sabe entre cem!...

E ela dizia isso com acrimônia de ciúme.

— E imagina despedir-me, a apartar-se de mim em tão bárbaras dúvidas, em que me embaralha?...

— Não; fiz hoje voto de loucura e hei de levá-lo ao fim. Saí de casa ciumenta, supondo meu marido réu de perfídia; procurei-o onde imaginava achá-lo em encontro anunciador de adúltera traição; enganei-me... e o pior que

foi que perdi-me!... creio deveras que perdi-me!... mas... meu marido está em Petrópolis e não pode voltar hoje; comecei loucamente a noite... a culpa é do senhor!...

— Agradeço a honra e a glória da responsabilidade, que tomo todo orgulhoso sôbre mim!...

— O senhor ganhou por generoso, ou por estupendamente astuto.

— Como?... não compreendo...

— O seu companheiro e amigo...

— Nem amigo, nem companheiro; protesto, minha senhora; o Souza é meu inimigo, e perpétuamente intruso...

— Como quer que seja: êle foi comigo, desconhecida, insolente e injuriador... e ao mesmo tempo e nas mesmas circunstâncias o senhor honrou o meu sexo, mostrando-se generoso e delicado; amoroso, mas cheio de comedimento e respeitador para com a desconhecida...

— Era dever de cavalheiro...

— Que me tocou o coração já ferido...

— Ah!... levante êsse véu!...

— Pois sim; submeto-me; mas sob uma condição...

— Qual?...

— O senhor se apeará do carro imediatamente... e para sempre separados...

-- Ah, não!... isso não!...

-- Ainda bem!...

-- Mas a compensação de não ver-lhe o rosto, e de não reconhecê-la?...

-- Meu marido está em Petrópolis; dou-lhe tôda esta noite, contanto que a passemos amando-nos inocentemente, como até agora.

-- Aceito!... aceito!... passemos pois juntos suave e inocentemente esta noite ditosa!...

A *bela misteriosa* apertou-me as mãos e disse:

-- Amemo-nos muito, mas como irmãos!...

Eu prefereria certamente que nos amássemos como primos, e não sei mesmo o que ia dizer ou propôr, quando nesse momento o cocheiro perguntou:

-- Onde hei de parar?

Ah!... sem o sentir tínhamos passado pela *Glória* e chegado a *Batafogo*.

Afigurou-se-me que eu passeava com uma fada em um carro encantado...

XXVIII

O cocheiro esperava nossas ordens.

-- Onde iremos agora?... V. Ex. quer...

-- Não quero que me dê êsse tratamento: para que me lembrar quem sou?... é crueldade ou êrro.

Ela tinha razão.

— Onde iremos?... perguntei de novo.

A bela misteriosa respondeu-me, com doçura e ardor:

— Que me importa?... vai e arrebatame!... que êste carro dê mil voltas!... que não pare!... eu amo e aspiro o infinito... no espaço...

— Volta, cocheiro! exclamei; pelo mesmo caminho ou por outro, volta! mas não há necessidade de correr.

— Ao contrário, disse-me a romanesca senhora, mudando de tom; devia mandá-lo ir à desfilada, que é mais próprio da loucura...

— Mas... nenhum de nós é louco...

— Eu sou, ou estou hoje louca: quero dar-lhe já ainda mais uma prova disso.

— E como?...

— Faça-lhe uma proposição: quer levar-me ao teatro?...

Com efeito, era prova que não admitia contestação!...

Eu hesitei e disse:

— Nessa proposição há glória imensa para mim; mas, também, grande risco para quem não pode estar segura do seu incógnito...

— E o meu véu?...

— E o seu talhe e a sua graça, que não têm rivais, nem semelhantes?...

— E todavia o senhor ainda não me reconheceu!... disse ela com tristeza.

Mas imediatamente acrescentou com ardor:

— Leve-me ao teatro.

— Qual déles prefere?...

— O *Lirico francês*.

— O *Alcazar*?...

— Pois não é o mais doído?...

Não havia que objectar; indiquei ao cocheiro o ponto a que lhe cumpria dirigir-se.

— Eu nunca pude ir ao *Alcazar* senão em noites de representação particular: ora... dizem-me tantas coisas!...

— Talvez não tenham exagerado...

— Melhor!... o meu amor não lhe merece a satisfação da minha curiosidade?...

— O seu amor é tão usurário!... ah!... por que não se lembra de que também sou curioso e que ardo por vêr-lhe o semblante?...

Minha voz solicitante era repassada de ternura, e o meu respeitoso comedimento não podia disfarçar a comoção que me exaltava.

A *bela misteriosa* suspirou: seu joelho, unido ao meu, tremia ao contato e denunciava ardores iguais aos meus.

A nossa convencionada fraternidade parecia ameaçada de iminente e apaixonado desmentido.

Senti que a bela misteriosa se denunciava, quase a render-se enternecida em repetidos movimentos convulsivos, que rápidos passavam.

Mas, de improviso, ela me tomou ambas as mãos, prendeu-as com força entre as suas e murmurou-me docemente:

— Não fale, não me acorde, quero dormir e sonhar.

E, encostando sua graciosa cabeça ao meu ombro, ficou em silêncio e como adormecida.

XXIX

Ainda uma vez, que mulher inconcebível!...

Audaz até o comprometimento, imprudente até o desvario, provocadora até o abandono de sua pessoa, voluptuosa até à impudicícia, era imperiosa no estouvamento, inabalável no momento em que devia abater-se, e sempre forte para refrear a paixão na maior violência da tempestade.

Leviana, caprichosa, arrebatada, impudica e orgulhosa, lasciva e logo contida, frenética e logo ajuizada, oferecendo-se e negando-se, mulher suspeita de fraqueza nos modos, nos invites, na petulância das ações, e na inconsideração da palavra, e ao tocar ao extremo da vertigem, erguendo-se admirável

pela sua fortaleza na dominação dos sentidos...

Eu me perdia em cogitações vãs no empenho de compreendê-la; supuz tê-la adivinhado, considerando-a uma senhora nobre e bem educada, mas romanesca, de imaginação vulcânica, sonhando e desejando aventuras, arriscando-se pelo gôzo de comoções ardentes e febricitantes, como o apaixonado jogador, amando por sensibilidade exaltada e pelo gôsto do abalo das paixões; mas, sob o ponto de vista material do sensualismo, impecável, sobranceira e forte ou por orgulho ou por consciência de dever.

Era talvez, na sociedade em que vivia, vítima de explicáveis calúnias, espôsa que, por vaidade de formosa e por arroubos de imaginação romanesca, se prestava a conjecturas degradantes, não tendo nunca descido ao abismo da degradação suspeitada.

Que se poderia julgar dessa senhora que, à noite e em um carro de aluguel, passeava a sós comigo, falando-me de amor, confessando-se amante, indo comigo incógnita ao teatro, e oferecendo-me uma noite inteira de favores arriscados, e de terna afeição, embora ajustadamente fraternal?...

E todavia, afora o enlace de nossas mãos, e os meus beijos em seus dedos, e agora aquele beijo nos meus lábios, a bela misteriosa soubera conter nossos mútuos transportes, e

eu nem podia desvanecer-me da menor condescendência a mais adiantada.

Eu estava abrasado de paixão, mas um pouco receoso da bela misteriosa.

Até onde me arrastaria o capricho e a imaginação dessa doida alucinadora, que então me inflamava e me evenenava o sangue, prendendo-me em doce e estreita prisão as mãos, e com a cabeça pousada no meu ombro, sonhando romances de que ela era heroína obrigada, em longo embevecimento que me fazia experimentar o mais voluptuoso e bárbaro martírio?...

Enfim, a bela misteriosa soltou minhas mãos, arredou a cabeça do meu ombro, e disse:

--- Vivi no céu!...

— Mas eu...

— Não fales ainda; oh!... o amor da alma, o amor dos enlevos poéticos é o amor dos anjos!... oh!... ama-me assim!...

E logo, passando o braço em tórno do meu pescoço e aproximando o seu rosto do meu, perguntou-me::

— Já lêste o *Rafael*, de Lamartine?... já lêste? quero que me ames esta noite, como naquela noite passada no mar, e ao fragor da tempestade, Rafael amou Graziela.

Não respondi; ardia em fogo, e essa alusão poética me exasperava.

— E tu... meu irmão! meu amante!...
meu senhor!... queres tu assim?...

Sua voz era pela meiguice e ternura a
mais irresistível tentação de pecado.

— Queres tu assim?... repetiu-me ela.

O que eu quis ao menos foi dar-lhe um
beijo...

E dei-lho, embora através do véu.

Ela me empurrou de mau modo, dizendo:

— Sensual!... material!... por que não
és Rafael?...

XXX

O carro parara nesse momento de desilu-
são, de poesia e de pobre beijo no tecido de
um véu.

Apeamo-nos.

Paguei, despedi o cocheiro, entrei no tea-
tro lirico francês, e, por felicidade, ainda pu-
de achar um camarote, onde menos exposto
me fôsse possível conservar-me com a minha
imprudente amada.

O espetáculo já havia principiado.

A bela misteriosa ostentou-se à frente do
camarote, no lugar que lhe competia, com ar-
rojada segurança.

— Não se arreceia?... perguntei-lhe.

— O medo é denunciante, disse ela; e expandiu-se jubilosa.

Quem tinha medo era eu.

Se apesar e a despeito do seu vêu alguém reconhecesse a minha companheira do camarote?

A apreensão de um duelo de morte com o marido da romanesca senhora me enchia de nuvens negras o espírito amotinado.

Eu adorava essa mulher jovem, sem dúvida formosa e feiticemente deslumbradora; mas por que ela e eu havíamos de exhibir em público o nosso amor, e os nossos desvarios?...

A bela misteriosa aplaudia com evidente fervor os movimentos e passos lascivos das dançarinas, e o tom malicioso e desonesto com que os atores e atrizes exprimiam as frases dúbias da ópera *equivoca*...

Passsei uma hora em tormentos de medo explicável e justificável, e ela em gozos de cenas e de diálogos sensuais.

No fim dessa hora de receosos transes, lobriguei um recurso duvidoso... um recurso que bem fundamente reputei improfícuo, e condenado à positiva rejeição...

Pensei em propor à bela misteriosa que deixasse o teatro e fôsse cear comigo em algum hotel.

Ela, porém, tinha, para senhora delicada que era, comido *croquets*, pastéis, camarões

recheados, amêndoas e bôlo inglês por três dias; provavelmente rejeitaria a ceia; era inverossimil que pudesse cear...

Mas no meu convite a gula servia de pretexto ao amor.

Encorajei-me e propus.

— Tenho ciúmes de todos os olhos!... disse-lhe; aborreço êste espetáculo!... coro das indecências, ao lado da senhora mais pura!... ah!... vamos respirar, viver, amar-nos a sós e longe de todos!... vamos... para isolar-nos do mundo... para vêr-nos só no outro... vamos cear... ou fazer de conta que ceamos... em solitária sala de um hotel discreto e protetor?...

— Meia hora ainda!... respondeu-me ela.

— Os hotéis estão fechados e...

A bela misteriosa não me deixou acabar, levantou-se e disse:

— Entendo; contrario-te aqui: vamos, pois, cear em hotel; convém-me; é preciso que a noite continue e acabe como começou: delírio até o fim.

E, tomando o meu braço, apressou-se em sair, dizendo-me ao ouvido, com requinte de ternura:

— Vê bem, onde me levas!... louca de amor, mas pura como tua irmã!...

E comprimiu-me o braço a seu peito de modo que lhe senti o contato do seio e o palpar do coração.

XXXI

A minha boa fortuna fêz que a breve distância me aparecesse um carro de aluguel que passeava desocupado.

Tomei-o; embarcamos, e indiquei ao cocheiro o hotel de... onde me conhecem pelo muito que facilmente nêle dispendo.

Até chegarmos ao hotel — viagem bem curta — a bela misteriosa, cedendo a meus empenhos, que se tornavam exigentes, prendeu-me duas vêzes as mãos, e duas vêzes me cerrou os olhos, para beijar-me e beijar-nos com abrasado fervor.

Mas, depois dos beijos sem dúvida lascivos, encadeava com mais fôrça as mãos, e dizia-me trêmula e brandamente queixosa de meus transportes:

— Meu irmão!... meu irmão!...

Chegamos ao hotel: asilamos-nos em uma sala particular; pedi quanto houvesse de melhor.

Havia ruído... ceia... orgia em outra sala vizinha...

Ainda um excitante de mais!...

E nem assim!... enquanto nos punham a mesa, consegui apenas ficar cego ainda algumas vêzes, e sentar-me bem junto da fantástica senhora prendendo entre as minhas as suas mãos.

— E além... nada mais, disse-me ela, ou levanto o véu diante dos criados, e castigo-o assim desonrando-me e perdendo-me!...

Contive-me, torturei-me, porém, inflmando-me, de balde, admirando as maravilhosas proporções daquele corpo enriquecido pela mais pródiga natureza.

E sempre audaz e inconcebível em seu impudor e em sua resistência briosa ela deixava suas mãos entre as minhas, e com sua face quase encostada a meu ombro diante dos criados que entravam e saíam, sorrindo maliciosos, ao trazer-me a ceia.

Uma vez, a primeira, quis arredar-me dela ouvindo passos e foi ela que se opôs ao meu impulso.

Quando então saiu o criado que entrara, a bela misteriosa disse-me a rir:

— Que me importa?... não me conhecem, e devem julgar-me mulher perdida e, tanto melhor! disfarço-me completamente.

E conversávamos a trocar finezas e meiguices.

Ela brilhava pelo espírito sutil, e falava-me de Shakespeare, de Victor Hugo, de Scribe, como senhora conhecedora de poetas, dramaturgos, fisiologistas de amor.

A voluptuosidade, a admiração e o encanto da misteriosa me desatinaram.

Uma vez pedi-lhe que me dissesse ao menos seu nome de batismo.

— Eu me chamo *amor*, respondeu-me ela.

— Se êste nome não te basta, és mau!...

Outra vez ensaiei doce violência para levantar-lhe o véu.

— Se insistes, mostro-te meu rosto; mas eu te previno!... perder-me-ás... e talvez que te percas também!...

— Então... sempre o véu?...

— Hoje sempre o véu; se o mereceres... se eu acreditar que sou amada... — porque tu me conheces, pérfido!...

— Eu?...

— Se me convenceres de que realmente amas-me, quando me fazes a côrte, e me namoras sem véu... oh!... então!... então!...

E ela me tomou fervorosamente uma das mãos e a levou a seu seio palpitante.

Era uma mulher vulcânica; moralmente envenenadora, um anjo caído do céu da nobreza nas vertigens dos abismos do amor criminoso e adúltero!...

Eu estava assombrado dessa paixão que sem consciência havia acendido!...

A minha felicidade me enredava em um dédalo de encantamento e de curiosidade.

Deram-nos para ceia um pequeno banquete, seis cobertas pelo menos...

Sentamo-nos à mesa.

A bela misteriosa, por prevenção talvez, disse-me em tom brincão:

— Sou uma santa com dois pecados; o de amor hoje, o da gula sempre.

E foi dando provas do segundo muito mais positivas do que havia concedido do primeiro.

Espantei-me deveras!...

Aquela delicada, suave, vaporosa e romântica jovem comeu de tudo e bem!... depois dos regalos em quatro confeitarias, ceou como se estivesse em jejum desde três dias!... E bebeu ainda melhor, palavra de honra!... bebeu somente um calix, mas um calix de Sauterne, outro do Reno, outro de Madeira, outro de Chambertin, outro de Siracusa, outro de Champagne, não, de Champagne gelado dois por exceção, e enfim ainda um Lágrima-Christi!...

Eu tive medo de vê-la beber assim; ela, porém, como se adivinhasse nos meus olhos o temeroso pensamento, observou-me alegremente:

— Nasci no norte da Europa... isto é inocente... de ordinário bebo assim!...

E com efeito, depois de tantas libações, estava fresca e senhora de si, e no seu estado, como antes da ceia!...

E, sobretudo, o que mais me surpreendeu foi o imperturbável cuidado com que soube manter sem atrainçar pelo mais ligeiro descuido o incógnito que guardava, mercê do seu espesso e amplo véu. Ela comeu com habilidade rara e gulosa presteza, movendo o garfo

por baixo do maldito sendal, e apenas se voltava um pouco, e dava-me as costas, quando tinha de beber.

Em verdade a bela misteriosa perdia um pouco do seu prestígio poético, bebendo e comendo assim; não há porém bonito sem senão, e além disso cumpria-me respeitar aquela natureza extraordinária e privilegiada que reunia em si as qualidades mais contraditórias e estupendas.

O que me afligiu durante a ceia foi o maldito véu que me contrariava desde a rua do Ouvidor.

Era um véu denso, escuro pela côr, e ainda mais escuro e impenetrável pelas numerosas pregas que se multiplicavam; através dêle apenas se podia indiciar que o rosto encoberto devia ser alvo.

O colo e as espáduas da bela misteriosa menos ocultos, mas ainda resguardados por não sei quantos enfeites de gaze, rendas e maravilhas de fantástica *toilette* arco-iris, denunciavam-se admiráveis à imaginação sem satisfazer bastante o empenho verificador dos meus olhos.

Enfim, o disfarce ia até as mãos, que nem durante a ceia se mostraram sem luvas.

Tudo isso me demonstrava quão alta devia ser a posição social da encantadora jovem, que imprudentemente se expunha a tanto.

Deram-nos café; eu o tinha pedido por cautelosa prevenção...

Prevenção desnecessária... o vinho não se manifestava perturbador dos sentidos da minha romanesca apaixonada...

Conversamos a tomar café.

— Onde iremos agora?... perguntei.

— Que horas são?...

Consultei o relógio e disse:

— Meia noite; quatro horas ao menos me pertencem ainda... tenho de memória a sua promessa, deu-me esta noite tôda...

— Mas eu tenho sono... desejava dormir, murmurou ela docemente.

Eu abalancei-me a responder-lhe:

— Durmamos, pois...

Ela tornou-me logo:

— Eu falei no singular... ordeno-lhe que não o esqueça outra vez; adoro-o; mas hoje somos irmãos...

E pareceu-me que ficara a refletir.

A lógica da bela misteriosa produzia sempre conseqüências absurdas; não era precisa e matemática como a minha.

Guardei silêncio à espera de algum contrassenso que me aproveitasse.

E não esperei muito.

O lindo demônio tentador voltou-se todo para mim, e, cingindo-me o pescoço com seu braço magnífico, e aproximando do meu o

seu rosto encoberto, perguntou-me com indizível ternura:

— Rafael!... és capaz de velar algumas horas, duas ou três horas, junto de Graziela adormecida, como o anjo da pureza à cabeceira de uma virgem?...

E' claro que respondi afirmativamente.

— Rafael!... amas tanto a Graziela, que possas tê-la dormindo ao pé de ti, e respeitá-la como irmã e santa?...

— Oh!... sim!... sim!...

— Oh!... exclamou ela, beijando-me nos lábios através de seu véu!... a prova extrema!... o amor sublime pela abnegação do domínio!... és tu capaz?... és capaz?...

Eu estava imaginando mil horríveis perjúrios, e balbuciei diabòlicamente hipócrita:

— Anjo do céu!... tu me beatificarás pelo martírio indizível dos meus sentidos materiais!...

— E's capaz de tanto heroismo?... repetiu ela com enlévo e paixão.

— Estarei de joelhos a teus pés, oh fada encantadora!...

E acrescentou:

— Tenho sono e quero dormir!... pensa bem: será a prova do céu ou do inferno!... vem!...

Ergui-me para sair pronto e obediente à sua voz.

Foi ela que animosamente me tomou a mão, dizendo-me:

— Vê bem!... confiança ilimitada no sono desta noite... vê bem!...

— E amanhã?...

— Amanhã é o futuro, todo o futuro que ficará em tuas mãos...

— Ah!... e como?

— Hoje... neste resto de noite serei tua irmã... só tua irmã.

— E amanhã?..

— Já to disse: amanhã é o futuro, e no futuro o amor em abandono, sem limites!...

Saimos quase abraçados, e na escada do hotel felizmente mal esclarecida beijamo-nos ainda.

O carro nos esperava à porta do hotel; a bela misteriosa disse-me baixinho:

— À rua de...

— À rua de!... bradei eu ao cocheiro.

O carro partiu.

XXXII

A bela misteriosa disse-me, apenas o carro começou a rodar:

— Devo prevenir-te de uma nova fantasia a que, por tua causa e por meu amor, me arremesso...

— Qual?...

— Não moro na rua de...

— Ah!...

— Quem ali mora, em pobre e misero teto, é uma velha, que me considera sua providência na terra. Era claro que eu não podia a estas horas, entrar contigo em minha casa, abandonando o segredo do nosso amor aos meus criados.

— Mas...

— A boa velha não saberia negar-se a sacrificio algum por mim...

— E então?...

— Eu terei leito para descansar e dormir tranquila e feliz duas horas; às três da madrugada tu me despertarás, dando-me um beijo na fronte...

— Não me será ao menos permitido dar-lhe, em vez de um, dez beijos?...

— Não graces no momento em que chega a solene experiência a que obrigo o teu amor e a tua virtude.

— Eu não gracejava... Não!...

— Ficarás sentado a dois passos do meu leito e me verás adormecer na mais perfeita confiança.

— Sim... sim...

— E respeitarás o meu sono, como se zelles a honra de tua irmã...

— Oh!... por certo.

— E nem por um instante levantarás o meu véu para ver-me o rosto...

— E' muito!... é exageração de crueldade; mas submeto-me...

— Jura-o!...

Jurei tudo quanto ela quis.

Logo depois bateu-me duas vèzes com o leque no ombro, e disse:

— Eu sou princesa encantada...

— E'.

— E tenho um privilégio mágico...

— Algum que eu ainda não saiba?...

— O da visão, dormindo.

— Mas... se por acaso... sem impulso meu... o véu se levantar em algum movimento ou volta de seu formoso corpo?...

— Hei de atar o véu ao meu pescoço antes de adormecer...

— Ah!... em tal caso, respondo pela abnegação dos meus olhos...

— E se ousasses querer desrespeitar-me... se ousasses apenas descobrir-me o semblante...

— Oh!... não!...

— Separação eterna, e odienta vingança, além da confusão vergonhosa pela perfidia baldada...

— Serei digno da sua confiança... e todavia... por que tão tormentosa experiência?... por que impor-me êsse martírio de Tântalo?...

-- Porque desejo ser, durante uma noite, Graziela amada, pura e santamente, pelo seu belo Rafael!...

E acariciava-me terna e apaixonada...

Mas, de súbito, afastou-se de mim e murmurou, como a custo:

— Não me foques... sosseguemos... preciso... quero... sossegar.

Obedeci.

Notei um não sei que de *mal estar*, de ansiedade, e de viva alteração na bela misteriosa...

Dulcíssimo prognóstico...

Era a sua rendição e a minha glória a preanunciar-se.

Lógica no caso.

Mas... obedeci à ordem.

XXXIII

Dessa vez a minha obediência foi determinada por cálculo, de quem era forçado a tornar-se hipócrita.

Eu tinha jurado a mim mesmo ser perjuro.

Devia sê-lo; era imprescindível.

Notei um não sei que de *mal estar*, de ansiedade, e percebi que a misteriosa carecia de senso comum.

Graziela, ou era doída, ou queria render-se de olhos fechados.

Rafael não podia querer glórias de tolo.

Ora!... que diria de mim o Souza, se viesse a saber que eu tinha sido, junto da mais bela das jovens adormecida quase a meu seio, um Rafael pateta em pasmaccira gelada?...

Eu estava certíssimo de que a bela misteriosa dormiria para sonhar com o meu perjúrio, e que somente não perdoaria o crime da fidelidade ao insensato e ridículo juramento que eu lhe prestara.

Isto era lógico.

Ela, essa mulher fantástica, delirante e voluptuosa, achando-se *caída*, imaginara expediente desatinado, como era o seu gênio, para desculpar-se da *queda*.

Prometo e asseguro que tomarei sobre mim tôda a responsabilidade da sua fraqueza, reconhecendo-a inocente vítima de revoltante abuso do pérfido Rafael.

Enquanto eu assim pensava, a bela misteriosa se submergia em silêncio longo e teimoso.

Cheguei a supor que ela tivesse adormecido; mas quase logo pareceu-me ouvir-lhe um gemido sufocado...

Afigurou-se-me que intima comoção a agitava... com certeza eu percebi sua respiração suspirosa e anelante...

Oh!... também era lógico!... evidentemente lógico!... ela ia ter sono, e dormiria para sonhar com o meu perjúrio.

Decidido; eu devia ser reprovado em exame de lógica, se não soubesse tirar a consequência de premissas tão claras.

Ah!... chegávamos enfim!...

Chegávamos; porque a bela misteriosa fez um esforço, que não me escapou, para dominar os alvoroços do seu pudor, e balbuciou, quase estorcendo-se:

— E' aqui!... é aqui!...

O carro parou à minha voz.

A romanesca e apaixonada jovem atraçou sem querer sua angélica perturbação e seu profundo abalo, deixando-se por algum tempo muda, mas constrangida, e respirando aflitivamente com as mãos a apertar os seios.

Era lógico ou não era?...

O que eu vi, todos viriam, no meu caso; vi o extremo combate da paixão contra a pudicícia.

Mas, em vez de dobrar-me à piedade, senti correr-me pelas veias o sangue em ondas de fogo.

Entretanto, eu ostentava generosa reserva e requintado respeito...

Hipocrisia em ação...

Também era lógico.

A crise devia, enfim, terminar...

A minha bela misteriosa fez um, dois, três movimentos para sair do carro; mas, como tolhida por alguma dôr, ficou sempre sentada e em aflicção, que debalde queria disfarçar.

Eu compreendi tôda aquela violência do pudor a tentar vencer os ímpetos do amor criminoso.

Era de minha obrigação auxiliar o sentimento que o pudor combatia...

Ainda uma vez, tentei tomar um beijo através do véu; a bela misteriosa, porém, fugiu com o rosto, e disse-me a tremer:

— Não! não! Espere-me: devo entrar primeiro para entender-me com a velha.

E, fazendo grande esforço, que me pareceu doloroso, ergueu-se e saltou do carro, apoiando-se na minha mão.

Eu a vi bater mais de vinte vêzes à porta, que a custo se abriu.

O meu anjo internou-se no céu da humildade.

O céu da humildade era uma casa térrea de porta e janela, cheirando a pobreza e a vida de privações.

Imaginei que paupérrimo asilo era um alcazar de encantadora fada.

Faço aqui um parêntesis.

Afora o último tentado e não conseguido, os beijos que dei e recebi no carro e no hotel sobem a um número elevado, e a notícia dêles bem podia, em honra e respeito à decência, ser omitida; mas eu me condenei a servir de lição a todos os Filenos, e de propósito dei a conta dos beijos, para que pela soma dêles se calculem as proporções da ru-

minação memorial dessa glória e dessa felicidade dos meus lábios.

Fecho aqui o parêntesis.

Eu tinha ficado na rua, e à espera.

Enquanto esperava, tomei precauções, lembrando-me que a bela misteriosa não podia retirar-se a pé, quando *despertasse* às três horas da madrugada.

Com a eloquência do ouro, convenci o cocheiro de que era de seu dever esperar-me ilimitadamente...

O cocheiro estendeu-se dentro do carro para dormir até que eu o chamasse...

O drama chegava ao seu desfecho, e no desfecho dos protagonistas — eu e a *bela misteriosa* — e um comparsa — o cocheiro, afora a velha da pobre casa, comparsa ainda para mim invisível, e não desejada visível.

Imaginei que dos três só o comparsa dormiria até às três horas da madrugada.

E que eu... ah!

E o Souza!...

Coitado do Souza!... eu tinha a perversa malignidade de rir-me, lembrando-me do Souza!...

XXXIV

Incontestavelmente eu chegava à conquista, não mais disputada, dos mais completos louros de gloriosíssima vitória.

Amor e vaidade, rendimento de uma jovem senhora elegante e da melhor sociedade, triunfo sôbre o jactancioso e presumido Souza, iam elevar-me ao sétimo céu.

Eu me prelibava o mais feliz, o mais duplamente feliz dos homens, e ébrio de amor, de vaidade, esperava sem impaciência alguns momentos e com impaciência logo depois, à porta meio aberta, meio cerrada da pobre casinha térrea.

Dez minutos talvez se passaram assim...

E a porta entreabriu-se mais...

E a bela misteriosa apareceu-me e disse:

— Entre... Venha!... a minha boa velha nos protege e asila...

Creio que voei...

Fui recebido nos braços de Graziela!...

E ainda um beijo... êsse através do véu; mas em todo caso remetido para ser somado com os outros...

E a porta da rua trancada...

Era sempre lógico.

Achei-me em uma pequenina sala alumiada por lampeão de querozene...

Quatro cadeiras de páu... um sofá de assento de palha, e uma mesa redonda de vinhático.

Ao fundo da sala, a porta de umá alcova, com cortinas de chita... um pouco velhas... isto é, muito usadas.

O romanesco na pobreza, e a porta da alcova indicando a entrada do paraíso...

A minha imaginação enriquecendo e sublimando tôda essa pobreza franciscana da casa de uma triste velha...

A bela misteriosa, cada vez mais comovida, trêmula e ansiosa, disse-me:

— Espere-me ainda... tudo consegui... tenho leito amigo, e terei confiança e sono... alguns minutos mais... e o chamarei dali... quando já estiver deitada...

E, apontando para a alcova, correu apressadamente e como em aflitivo alvoroço, para o interior da pobre casa...

E o aflitivo alvoroço indiciava-se no meu prudente e refletido conceito, como natural e esplêndidamente lógico.

Ficando só, esperei com o coração a palpitarem-me na bôca entreaberta, e com os olhos pregados na porta da alcova.

XXXV

A bela misteriosa tinha saído da sala, encaminhando-se acelerada pelo corredor; eu, porém, compreendi que ela não voltaria pelo mesmo lado.

A alcova certamente se comunicava com aposentos interiores.

Passaram alguns minutos...

Que ansiedade, a minha!...

E que mulher ou que senhora, que anjo ou que demônio, me alucinava nessa noite?...

Que idéia, que designios, que sentimentos realmente nutria ela a meu respeito?...

Eu não estava perfeitamente tranquilo, confesso-o...

Mas adiantara-me tanto... deixara-me levar tão longe...

Minha imaginação sonhava perigos... cheguei a lembrar a hipótese de traição e de violência para roubarem-me...

Eu havia aberto desde a tarde tantas vezes a minha carteira, e a trazia imprudentemente tão cheia!...

Essa casa térrea, velha e de aparências tão pobres, não podia ser covil de alguns ladrões?...

Mas... a jovem, tão gentil, delicada, espiritosa... e até metida a literata?...

E o Souza, que a reconhecera, e que a tratara com tanto respeito e veneração?...

Oh!... minha suspeita era um crime.

Tive vergonha da excitação nervosa que me inspirara aquêlê pensamento sacrilego!... Eu digo excitação nervosa, porque não admito que fôsse mêdo...

Mêdo era impossível; porque a paixão pela bela misteriosa me absorvia e me assenhoreava todo...

Ah!... estremei a um choque elétrico!...
Através das cortinas de chita, vi expandir-se a luz no seio da alcova.
Que momento de comoção!...

XXXVI

Ouvi o leve ruído dos passos dados pelos pés mais mimosos...

Apurei o ouvido...

A bela misteriosa preparara talvez seu ninho... atava talvez seu véu... e andava de um para outro lado...

Como é que às vezes o sublime se mistura com o ridículo?...

No meio da sublimidade de minhas sensações, senti impulsos de ir espiar pelo buraco da fechadura!...

Mas, contendo-me, voltei ao sublime... sim, ao sublime!... conheci a idéia e cheguei à resolução de respeitar o sono do anjo, de ser puro e poético Rafael junto de Graziela adormecida!...

Eu amava a formosíssima jovem; porque não a adoraria santa?...

Não haveria também celeste fulgor em minha virtude a poetizar e santificar o meu amor?...

Nesse instante, ouvi o baque de uma botina; e logo o baque da outra, que se deixavam cair sobre o assoalho.

Ah!... por que ao menos não seria eu quem descalçasse as botinas daqueles pé ligeiros, graciosos e pequeninos!...

Os dois baques das botinas tinham acordado a minha ardente paixão!...

Eu amava a formosíssima jovem, por que não a adoraria?

Mas... sobressaltei-me...

Julguei ouvir doloroso gemido...

Não foi ilusão... percebi segundo... terceiro gemido... e eram de aflicção!...

Que fazer?...

A bela misteriosa me ordenara que eu esperasse o seu chamado para entrar na alcova...

Ela, porém, evidentemente sofria!...

Que horrível embaraço!...

Lembrei-me do marido... oh!...

Mas, ao terceiro gemido, senti que alguém tomara a vela... e ia levando-a...

E logo, e imediatamente...

Que tristíssima, desagradável, prosaica e mesquinha contrariedade!...

Mas era absolutamente lógico!

Ouvi o som do castiçal, que em precipitação se largara no chão... e em seguida, e de mistura com ais ansiosos, os sinais retumbantes do mais cruel e inoportuno castigo da gula...

Era caso de irresistível e não mais dissimulável indigestão!...

Ah!... se a bela misteriosa tinha comido e bebido tanto!...

O episódio era muito natural e ainda perfeitamente dramático, segundo as regras magistrais da escola realista.

A princesa mais formosa, elegante e fantástica, é suscetível de sofrer uma indigestão.

Entretanto, a poesia do meu amor...

Ah!... por que havia de ter abusado tão excessivamente dos gozos da mesa, aquela encantadora criatura, aquela jovem engraçada, vaporosa e bela?...

Mas, que bárbaras e estúpidas reflexões!...

Era preciso acudir ao anjo de formosura que se denunciava humana em ais pungentes, em... é preciso dizer tôda a verdade, em contorsões e vômitos horríveis...

Caso de fôrça maior...

Oh! perverso egoísmo do homem!... ainda mais do que a paixão, apoderou-se de mim a idéia de aproveitar a desordem e a violência da indigestão, para ver descoberto e patente o rosto da minha tentadora...

A um novo, pungentissimo e aflitissimo gemido, que parecia sair das entranhas da misera senhora, precipitei-me para a alcova, exclamando:

— Perdão!... eu devo socorrê-la!...

Abri com violento impulso as portas da alcova...

Entrei...

A bela misteriosa contorcia-se, prostrada
no assoalho...

Levantei o castiçal... cheguei a luz...
e vi... e vi...

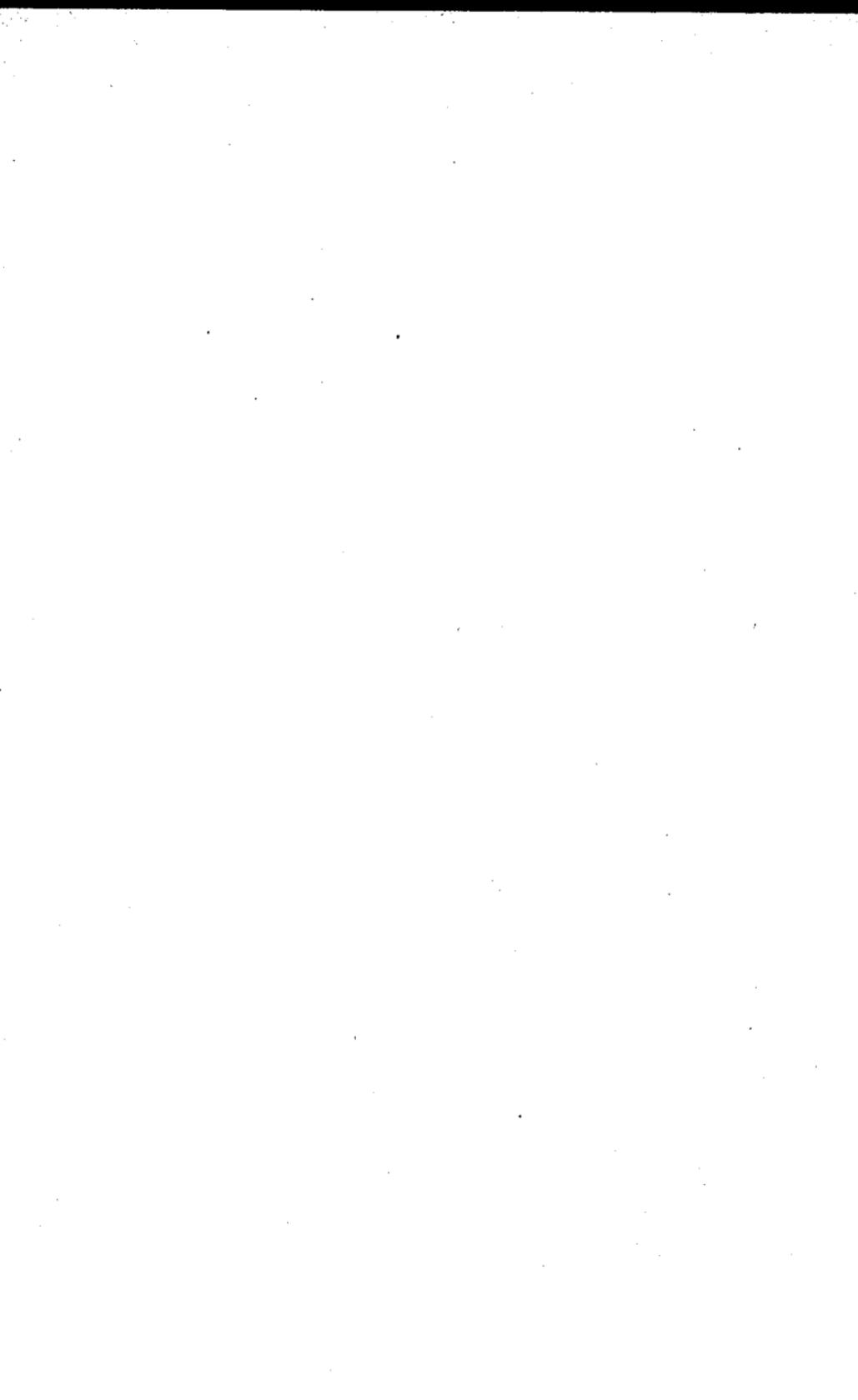
Oh!... oh!... oh!...

Antes não tivesse visto!!!

Pelo contrário!... palavra de honra!...
abençoada indigestão, que me fêz ver a tem-
po!...

Oh!...

EPÍLOGO



Não sei como me anime a dizer, mas é forçoso que o diga...

A minha *bela misteriosa* era uma francesa velha e de horrível aspecto, que eu conhecia desde a minha infância, como professora de francês em casas de pouco mais ou menos, a quinhentos réis por lição!...

Os estudantes a chamavam, por isso: *Mlle. Cinqcents.*

Setenta anos ou quase!... tinha vindo já madura, engajada para papéis de segunda ordem, na primeira companhia dramática francesa de *vaudevilles*, que me diziam haver trabalhado no antigo teatro de S. Januário!!!...

Oh!... a minha bela misteriosa já estava reformada e fora da malícia amorosa, quando eu ainda brincava com bonecos!...

Que olhos encovados! que nariz frio e que torto queixo!... mas, sobretudo, ai de mim!... que bôca, e que beijos!...

E a indigestão?... e as contorsões?... e os tormentos?...

Que a levasse o diabo!!!

Eu pensava, com horror, nos mil beijos lascivos que dera e recebera!!!

Ah!... misericórdia!!!

Mas, o Souza!... o Souza!... o demônio do Souza!!!

Entretanto, agora, que penso friamente, vejo e reconheço que tudo isto foi lógico.

Mas, por isso mesmo... aviso aos *File-nos*.

F I M

A EDITORA OCIDENTE

está publicando:

"O JULGAMENTO DA MÚSICA" — Irving Kolodin, com êsse livro "*O Julgamento da Música*", realizou um trabalho de indizível utilidade para todos os que se interessam pela música. Seu livro não é, como se pode pensar, um debate crítico. Não se reveste também dessa unilateralidade tão comum em estudiosos e apaixonados da música. Ao contrário, o valor do seu livro está justamente no modo como foi feito.

Agora traduzido para o português por Enéias Marzano, — Werther Politano colaborando na tradução — constituirá, no programa da Editora Ocidente, um dos lançamentos de maior prestígio. Inútil, em se falando de livro como êste, referir-se a esclarecimento ou orientação. O próprio índice será a maior segurança do seu sucesso.

Um estudo de Gounod sôbre Palestrina. Beethoven estudado por Berlioz, Schumann, Wagner, Tchaikovski e Hugo Wolf. Outro estudo de Gounod sôbre Mozart. E um outro estudo de Berlioz sôbre Bach. Chopin na interpretação crítica de Schumann e Liszt. Schumann estudando Schubert. Liszt visto por Schumann e Mendelssohn. Ainda Schumann falando de Franz. Hugo Wolf escrevendo um pequeno ensaio sôbre Bruckner. Agora, sôbre Wagner, escrevem: Berlioz, Debussy, Tchaikovski. E inúmeros outros estudos de Berlioz, Wagner, Tchaikovski, sôbre problemas técnicos de música.



"GOLOVIN" — uma novela de Jacob Wassermann. O nome de Jacob Wassermann, um dentre os poucos autores de ficção que viram seus livros traduzidos em quase tôdas as linguas do mundo, bastaria para dizer do valor dessa história que é, ao mesmo tempo, aventura e paixão. Seu ambiente é o ambiente russo em plena efervescência da revolução soviética. Uma família aristocrática que fo-

ge. A presença de dois entre os mais fortes personagens da novelística moderna: Maria de Krudener e Golovin.

O sucesso dessa novela, "*Golovin*", — que a Editora Ocidente apresenta em tradução de Adonias Filho — nos países europeus, sobretudo na França, encontrou seu melhor depoimento no elevado número das edições sucessivas. Também no interesse demonstrado pela crítica responsável.

"*Golovin*" abre o caminho de uma coleção: "*Novelas de Todos os Tempos*".



"*A SUBIDA DO MONTE CARMELO*" — interessada em contribuir na divulgação dos grandes livros que influíram, de modo sempre decisivo, na história do pensamento, foi que a Editora Ocidente resolveu arcar com a responsabilidade do lançamento, em língua portuguesa, das "*Obras Espirituais*" de São João da Cruz. Capítulos esparsos, em verdade, foram traduzidos. Mas, até então, nada ainda se fizera de maneira completa e definitiva.

"*A Subida do Monte Carmelo*", cuidadosamente traduzida por Adonias Filho, iniciando a publicação dessas obras, constituirá, sem dúvida, uma realização louvável em todos os sentidos. Louvável, além do mais, porque a autoridade de São João da Cruz, como o maior guia dos diretores de alma, jamais poderá ser contestada. Bossuet citava-o, frequentemente, com entusiasmo. A Igreja Católica, no Ofício composto em sua honra, inclui palavras assim: "Ele é o autor de livros de teologia mística que, na opinião de todos, são verdadeiramente admiráveis".

Entre êsses livros, — ao lado de "*A Noite Escura*", "*O Cântico Espiritual*" e a "*Viva Flama de Amor*" — está "*A Subida do Monte Carmelo*" que, agora, a Editora Ocidente entrega ao público de língua portuguesa. São João da Cruz, nêsse livro, revela a via purgativa indispensável à alma para conseguir a união ascética.



"*O PAPA DO GHETTO*" — em Gertrud von le Fort, autora dêsse livro "*O Papa do Ghetto*", traduzido por J. Lulz de O. Araujo, a primeira presença que se sente é bem essa da poetisa. Alguns críticos já a igualaram a Goethe. A mesma energia na transfiguração, a nobreza

da expressão impondo ao estilo um ritmo singular de música, uma impressionante percepção das belezas exteriormente vivas.

Nasceu em Minden, no seio de antiga família nobre, em 1876. Como Sigrid Undset, é também uma convertida ao catolicismo. Alguém que trazia, nas profundezas da vocação, a mensagem de revelar, em prosa ou em verso, êsse espírito cristão que, em *Le Fort*, é sangue submerso na própria carne. E surge daí, num impulso natural, a aliança que encontramos entre os seus poemas e os seus romances. Entre "Hinos à Igreja", por exemplo, e "O Vêu de Verônica".

Mas, quando essa mensagem se totaliza, — poema e romance ao mesmo tempo — então o livro já não é livro. Bem o máximo que se possa exigir da palavra escrita: é "*O Papa do Ghetto*". Escrito em 1930, essa biografia romanceada do anti-papa Anacleto II, filho de judeu convertido, não mostra apenas um período da história da Igreja. Projeta, antes, com violência que se diria espantosa, o cenário e as forças que disputam o domínio social do mundo.

E foi êsse romance, ainda mais expressivo que a novela "*Última ao cadafalso*", mais expressivo ainda que "*A eterna mulher*", e também mais expressivo que a trilogia "*As 3 coroas*", o livro que a Editora Ocidente escolheu para iniciar, em português, a publicação das obras de Gertrud von le Fort.

Hoje, seus livros traduzidos em inúmeras línguas, incorporados ao trabalho cultural de muitos povos, Gertrud von le Fort vive como exilada, num castelo, perto de Isartal.



"OS QUATRO PONTOS CARDEAIS" — há um século aceito pelo povo, seus personagens incorporados à vida social brasileira, Joaquim Manuel de Macedo não pôde evitar sôbre sua obra as mais detalhadas análises críticas. Esquartejaram-na, penetraram-na através dos pedaços mais obscuros. Machado de Assis cortou o seu teatro quase meio a meio, desceu os olhos nas suas peças em exame severo e minucioso. E, desde a publicação de "*A Moreninha*" até hoje, incluindo mesmo Manuel Antônio de Al-

meida, nenhum outro romancista brasileiro conquistou, como êle, a simpatia dos colegas e do público.

Nascendo romancista, um arguto observador dos costumes do tempo, aproveitaria sua experiência de médico e professor, politico e jornalista, para completar a própria vocação. O resultado, sabemos: um número assombroso de edições. A perpetuação das intrigas e enredos que se moviam entre as salas dos lares burgueses.

Mas, geralmente apontado como romancista, suas novelas não são menos lidas que os seus romances. Também não são, sob qualquer aspecto, inferiores aos romances. Possuem a mesma construção equilibrada, — o movimento de “A Moreninha” correspondendo à ação de “A Misteriosa” — o interesse pela revelação da alma feminina existindo em um como em outro gênero literário.

Joaquim Manuel de Macedo, na verdade, escrevendo suas novelas, — sobretudo “*Os quatro pontos cardeais*” — simplificando o plano exterior, ampliava a descoberta das sutilezas psicológicas. Admirável o lançamento do jôgo verbal, quase poético. Admirável ainda a penetração, sempre hábil, nesse delicado mundo que são os tormentos de uma sensibilidade de moça.

Não fôra isso, porém, essa tessitura disciplinada de todos os elementos que compõem um estilo e uma expressão literária, e a Editora Ocidente não incluiria esta novela, “*Os quatro pontos cardeais*”, em sua coleção “*Novelas de Todos os Tempos*”.



“*O URSO*” — William Faulkner, mestre de Huxley, gênio para o grupo mais selecionado da crítica universal indiscutivelmente o maior romancista americano de todos os tempos, pela primeira vez, em lingua portugûesa. A Editora Ocidente, neste momento, trabalha para o lançamento de todos os seus livros. Mas, iniciando essa publicação, sempre uma empresa delicada e difícil, o que se procura fazer é chamar a atenção para um autor de presença tão marcante quanto os autores de maior projeção intelectual.

Dramático, os seus livros não impressionam apenas em consequência do clima de tragédia. Mas, sobretudo pela técnica original, de movimento, que faz lembrar a própria vida nos momentos de maior plenitude. Impres

sionam ainda pela inquirição psicológica sempre justa, poderosa, certa.

"O Urso", diretamente traduzido do inglês por Almeida Sales, estamos certos, não constituirá, no mundo editorial brasileiro, um lançamento comum. Será como a apresentação do romancista. E o leitor dêsse primeiro livro não se tornará apenas o leitor forçado dos outros, mas confessará seu entusiasmo, e repetirá as palavras de Dauwen Zabel: "De todos êsses romancistas, William Faulkner é provavelmente o que possui o maior talento natural".



"ENQUANTO AGONIZO" — é outro romance de William Faulkner. O segundo livro que a Editora Ocidente entrega ao público, realizando, dêsse modo, o plano de lançamento, em português, da obra do grande romancista americano. Como "O Urso", movendo-se num ambiente regional, prêso a um processo de narração inteiramente pessoal, êsse romance "Enquanto Agonizo", já traduzido para inúmeras linguas, não deve ser apenas lido. Um crítico francês, Valery Larbaud, escreve: é um livro que precisa ser examinado de perto, estudado.

Inútil, pois, em face das palavras de Valery Larbaud, qualquer outro elogio. O mesmo clima desesperado de todos os outros romances de Faulkner, a submersão nos abismos da alma humana, escavando o que possa haver de pântano e de luz dentro de nós. Lembra uma lanterna que tudo iluminasse, os menores objetos visíveis, não permitindo a mínima zona de sombra.

Alguém agoniza, sustenta nos olhos que se vão apagar os últimos movimentos das criaturas e das coisas do mundo. Ao leitor, algumas vêzes, o pânico se impõe. São exatamente os maiores instantes, — êsses geniais e terríveis instantes de Faulkner — os momentos em que tôdas as palavras parecem dominadas por uma vibração que se dilata trágica precisamente porque se conserva imóvel.

Apresentando êsse romance "Enquanto Agonizo", de William Faulkner, a tradução confiada a Almeida Sales, a Editora Ocidente está certa de que contribui para valorizar o movimento brasileiro do livro..

"A BEM AMADA" — Thomas Hardy, romancista situado na extremidade da era vitoriana, é, como Emily Bronte, o grande violento da literatura inglesa. Seus temas são as paixões, as torturas, também os desejos. Traduzido em quase tôdas as linguas, sua obra dissecada pelos críticos europeus, não se explicava sua ausência no movimento literário brasileiro.

A Editora Ocidente, a exemplo do que fizera com os romances de William Faulkner, não oscilou um momento se devia ou não adquirir os direitos dos seus livros. E a tradução desses livros, iniciada com "*A Bem Amada*", foi confiada ao romancista Xavier Placer.

"*A Bem Amada*", como romance, não poderá lembrar nenhum outro autôr senão o próprio Thomas Hardy. Como "*Jude the Obscure*", é livro que parece ter concentrado tôda a força expressional do romancista. Nêle, nas suas páginas, o leitor encontrará tudo isso que se procura em um bom livro: amor e sofrimento, aventura e milagre, paixão e mistério.



"HISTÓRIA DA CRUZ VERMELHA" — livro de humanidade, as páginas escritas com êsse sangue que anima todos os homens para a conquista de uma melhor condição, só não o lerá quem em si mesmo não tenha um pouco de nobreza e interesse pela vida de outrem. Encontramos, nas suas páginas, todos os episódios de uma organização que nasceu para humanizar a guerra. A biografia de Dunant, o fundador da Cruz Vermelha, abrange um dos seus capítulos.

Seu autor, Martin Gumpert, escrevendo-o, não pensou apenas nos médicos, nas enfermeiras, nos administradores, nos militares. Pensou no homem de todos os lugares, em todo êsse que pode viver a guerra como um prisioneiro ou ferido. Pensou também na família, no mundo do soldado que ficou na retaguarda.

Confiando a tradução desse livro a Cláudio de Araújo Lima, a Editora Ocidente sabia que entregaria ao público uma tradução capaz de valorizar ainda mais o próprio livro.



Pedidos à EDITORA OCIDENTE LTDA.
Rua Alvaro Alvim, 33-37 — Sala 1.126
R I O D E J A N E I R O